



**BOLETIM DA FRATERNIDADE SACERDOTAL
JESUS + CARITAS – BRASIL 2018
(Circulação interna - pro manuscrito)**

RESPONSÁVEIS

Internacional

Responsável: Pe. Aurélio Sanz Baesa (Espanha)

e-mail: asanz@quintobe.org

Equipe:

Pe. Jean François Berjonneau (França), Pe. Mark Mertes (USA), Pe. Emmanuel Asi (Paquistão), Pe. Mauricio da Silva Jardim (Brasil) e Pe. Honoré Sawadogo (Burkina Faso)

Pan-americano

Responsável: Pe. Fernando Tapia (Chile)

E-mail: ftapia@iglesia.cl

Nacional

Responsável: Pe. Carlos Roberto dos Santos

Rua Paiaquás, 700 - Centro

17600-250 – Tupã – SP

Tel.: (14) 3496 2363 e (14) 99698 4661 (vivo)

pecarlosroberto@gmail.com

Conselho

Norte

Pe. Paulo Sergio Mendonça Cutrim

Rua Francisca Pires Sampaio, 10 – Centro

65130-000 – Paço do Lumiar - MA

Tel. (98) 99145-4291 / 99153-2525

e-mail: pe.sergio@yahoo.com.br

Nordeste

Diácono José Gomes (Pe. Zacarias e Pe. Didi)
Rua Pedro Veros 373 - Centro
69.530-000 Miráima - CE
Tel. (88) 3630 1164 /9254 6481/ 9953 5386
e-mail: psaopedromiraima@hotmail.com

Sul

Pe. Camilo Pauletti
Rua OS 18 do Forte, 1771 – 1º Andar – Centro
95020-472 – Caxias do Sul - RS
Tel.: 54-99664-6744
e-mail: pecamilo@ibest.com.br

Sudeste

Pe. Willians Roque de Brito
Av João Dal Ponte 853 - Bairro Santa Antonieta
17512-350 – Marília – SP
Tel.: (14) 999072143 / 3415 1543
williansrb17@hotmail.com

Leste

Pe. Roberto José Gonçalves
Praça Monsenhor Miguel, 12 – Centro
29580-000 – Dores do Rio Preto – ES
TEL (28) 99939-3375 / 3559-1256
Email: rjg60@hotmail.com

Centro-Oeste

Pe. Gunther Lendbradl (até dia 16 de agosto)
Rua Dom Pedro II, 1811
78710-600 - Rondonópolis, MT
Tel (66) 99918-6757
e-mail: diroocat@terra.com.br

SERVIÇOS

Retiro Anual

Pe. Carlos Roberto dos Santos e toda a Coordenação Nacional

Mês de Nazaré

Pe. José de Anchieta Moura Lima.

Rua Tomé de Souza, 205

36.090-270 – Benfica – Juiz de Fora – MG

Tel. (32) 3222-1266 e 99917-4278 (vivo) –

e-mail: janchietamoura@hotmail.com

Publicações

Pe. José Bizon

Rua Afonso de Freitas, 704 – Paraíso

04.006-052 – São Paulo – SP

Tel. (11) 3884-1544 e (11) 9910-2629 (tim)

e-mail: dcj@casadareconciliacao.com.br;
padrebizon@casadareconciliacao.com.br

Boletim (Redação)

Responsável: Pe. Edivaldo Pereira dos Santos

Travessa São Pedro, 170

64710-000 Paes Landim - PI

Tel. (89) 99462 9229 (claro) e (18) 997195266 (vivo whats)

e-mail: padidi.santos@gmail.com

Equipe de Redação do Boletim

Pe. Nelito Dornelas neldornel@gmail.com

Magda Melo magdamelo.magda@gmail.com

Boletim (Expedição)

Magda Melo

Rua Atenas, 69 – Apto. 103 – Bairro Tibery

38405-0661 Uberlândia – MG

Tel.: 34-9803-0462 / 9248-2000 - Email: magdamelo.magda@gmail.com

Finanças

Pe. Willians Roque de Brito

Av. João Dal Ponte, 853 – Bairro Santa Antonieta

17512-350 – Marília - SP

Tel. (14) 99907-2143 / 3425-3733 - e-mail: williansrb17@hotmail.com



SUMÁRIO

BOLETIM DA FRATERNIDADE SACERDOTAL

RESPONSÁVEIS.....	01
SERVICOS.....	03
SUMARIO.....	04
DA REDAÇÃO APRESENTAÇÃO.....	06
VOCÇÃO E MISSÃO À LUZ DO ESPÍRITO MISSIONÁRIO DO IR. CARLOS DE FOUCAULD	
Charles de Foucauld: Um Caminho Atual, Bernard Ardura.....	07
A Missão no Deserto de Hoje, Entrevista com o Cardeal Walter Kasper.....	09
Bem-Aventurado Charles de Foucauld, Isabel Orellana Vilches.....	17
A Bondade do Irmão Carlos de Jesus, Pe. Celso Pedro.....	19
MISSÃO É PROFETISMO	
A Vida Missionaria, Pe. Badacer Neto.....	21
Navegamos nas mesmas águas e pisamos os mesmos desertos, Renato Bicudo.....	24
Minha Vida em Missão! Carlos Humberto Campos.....	25
PROFETISMO É MÍSTICA	
50 Anos de Medellin, Dom Demétrio Valentini.....	29

As veredas da santidade nos secretos caminhos da vida, Nelito Dornelas...	31
Santidade no Mundo Atual, Magda Melo.....	33
ACONTECIMENTOS MARCANTES NA VIDA MISSIONARIA	
Conclusões do 5º Congresso Missionário Americano (CAM 5)	
Por Pe. Maurício Jardim.....	35
IRMÃZINHAS DE JESUS NO BRASIL	
Correspondência de Irmãzinha Maria Dulcidea de Jesus.....	38
Correspondência de “Cema”. Lar são José.....	40
A transnordestina e os gritos que não se calam, Pe. Henrique Geraldo Martinho Gereon.....	43
Conclusões do 6º seminário sobre o meio ambiente da província eclesiástica de mariana.....	48
As primícias do meu ministério episcopal, Dom Sílvio Guterres Dutra – Bispo da Diocese de Vacaria – RS.....	51
Palavras do Padre Camilo Pauletti.....	53
Palavras do Clero de Vacaria – sobre a missão de Dom Silvio.....	54
Gritemos o evangelho com a vida! Pe. Jeová Elias Ferreira	56
NOTÍCIAS	
Partilha dos encontros nas regiões.....	58
XXI ASSEMBLEIA GERAL DA FRATERNIDADE SACERDOTAL JESUS+CARITAS	
Presbíteros Diocesanos missionários inspirados pelo testemunho do Beato Carlos de Foucauld.....	61
NOTAS DE FALECIMENTO: Padre Manoelito, Padre Geraldo Lima e Padre Antonio Moreschi.....	66



DA REDAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Pe. Carlos Roberto dos Santos - Tupã/SP

irmão responsável nacional.

Ainda sob a alegria da nomeação, ordenação e início de ministério de Dom Silvio Guterres Dutra, na diocese de Vacaria, receberemos o boletim número 157 em nossas mãos.

É o segundo boletim deste ano 2018. Ele foi editado e publicado num tempo turbulento e difícil para nós brasileiros, por causa da polarização criada na eleição presidencial de Jair Bolsonaro. Dentre as muitas lições, aprendemos que há muito a fazer na evangelização. Estupefatos, vemos cristãos não só apoiando, mas tendo ações totalmente contrárias a nossa fé. E o mais grave, vemos e sentimos o perigo crescente de entrar o fascismo em nossa sociedade, com o retorno da ditadura bolsonariana.

A Esperança, do verbo esperar, e não de esperar, é a mola que não nos deixa parar e nos impulsiona para irmos sempre mais adiante. Resistir é preciso, e espalhar o amor é necessário. Nesta edição, teremos a oportunidade de ler e refletir vários textos sobre a nossa vocação e missão como missionários do Bem Amado Jesus, que seguem os passos e a espiritualidade do Irmão Carlos de Foucauld. Estes textos foram escolhidos em diversas fontes, pela equipe de redação. Como celebramos os 50 anos da Conferência de Medellín, teremos, também, a oportunidade de ler e meditar vários textos, escritos por diversos irmãos da Fraternidade, sobre missão, profetismo e mística em tempos de sofrimentos, consequência de políticas endurecidas para com o povo, mas amáveis com o capital e o poder. Mas neste mesmo contexto, teremos a oportunidade de meditar sobre o convite a vivermos a santidade. Veremos também as conclusões do 5º Congresso Missionário Americano (CAM5).

Por fim a equipe de redação insere nos anais da história da fraternidade no Brasil, as notícias e os acontecimentos tristes – morte de irmãos queridos que nos deixaram em 2018: Geraldo Lima, Manoelito e Antonio Moreschi – e alegres: os encontros das fraternidades por regiões, a vitalidade, as esperanças e as preocupações.

Apresento, também, a resposta ao questionário enviado para a Assembleia internacional, que acontecerá nas Filipinas, de 14 a 20 de janeiro de 2019, no qual participaremos, eu, Pe. Carlos e o Didi, Pe. Edivaldo.

Um grande abraço a todos e boa leitura.

VOCAÇÃO E MISSÃO

à luz do Espírito Missionário do Irmão Carlos de Foucauld

CHARLES DE FOUCAULD: UM CAMINHO ATUAL

Bernard Ardura, padre francês,
postulador da causa de canonização do Bem-aventurado
Charles de Foucauld e presidente do Pontifício
Comitê de Ciências Históricas.

O artigo foi publicado no jornal
L'Osservatore Romano, 30-11-2016.

A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Fonte: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/562943-charles-de-foucauld-um-caminho-atual-artigo-de-bernard-ardura>.

“O homem silencioso do Saara, homem de adoração e de oração, que se fez ‘irmão universal’, sempre acolhedor para com todos, se propunha a ‘gritar o Evangelho sobre os telhados com toda a minha vida’. Esse foi o caminho aberto pelo ‘missionário isolado’, cujo exemplo inspirou e continua inspirando inúmeros pastores e fiéis.”

Há um século do fim da sua vida terrena, Charles de Foucauld nos propõe um caminho mais do que nunca atual para a difusão do Evangelho, a primeira tarefa confiada por Jesus aos seus discípulos. Missionário no mais profundo da sua alma, Charles de Foucauld, ainda em 1902, ou seja, alguns meses depois da sua chegada em Beni Abbès, se dá conta de que se encontra no meio de uma guarnição militar francesa cujos membros são majoritariamente indiferentes à religião. O mundo ao seu redor, além disso, é inteiramente muçulmano.

Charles, então, parte da parábola da ovelha perdida, mas de um ponto de vista radicalmente diferente: “Ocupar-me especialmente das ovelhas perdidas. Não deixar as 99 ovelhas perdidas para me manter tranquilamente no redil com a ovelha fiel. Correr atrás das ovelhas perdidas, como o bom pastor”.

Ecoando esses pensamentos de Charles de Foucauld, o Papa Francisco comentava, no dia 17 de junho de 2013, a mesma parábola, dirigindo-se aos participantes do Congresso Eclesial da Diocese de Roma: “Ah! É difícil. É mais fácil ficar em casa, com uma única ovelha sozinha! É mais fácil com essa ovelhinha, penteá-la, acariciá-la... Mas

nós, padres, e vocês, cristãos, todos: o Senhor quer que sejamos pastores, e não penteadores de ovelhinhas. Pastores!”

O homem silencioso do Saara, homem de adoração e de oração, que se fez “irmão universal”, sempre acolhedor para com todos, se propunha a “gritar o Evangelho sobre os telhados com toda a minha vida”. Esse foi o caminho aberto pelo “missionário isolado”, cujo exemplo inspirou e continua inspirando inúmeros pastores e fiéis.

Quando Charles de Foucauld elabora os Estatutos da congregação, da qual há anos trazia o projeto no coração, ele resume em poucas palavras um ideal missionário, que parte de uma convicção: todo batizado é convidado a viver como Jesus. “Em todas as coisas, perguntarmo-nos o que Jesus faria no nosso lugar, e fazê-lo”.

Ao elaborar os Estatutos, Foucauld fixa as prioridades: “Amor fraterno de todos os homens: ver Jesus em cada ser humano; em cada alma, ver uma alma a salvar; em cada homem, ver um filho do Pai celeste; ser caridoso, benevolente, humilde, corajoso com todos; rezar por todos os homens, oferecer os próprios sofrimentos por todos, ser um modelo de vida evangélica, mostrar através da própria vida o que é o Evangelho... fazer tudo para todos para ganhar todos para Jesus”.



A MISSÃO NO DESERTO DE HOJE

Entrevista com o cardeal Walter Kasper, então presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, por ocasião da beatificação de Charles de Foucauld, sobre o cristão que, sozinho, nos primeiros anos do século XX, construía tabernáculos para “transportar” Jesus pelo deserto da Argélia. De Gianni Valente – 01 de fevereiro de 2005. **Fonte:**
http://www.30giorni.it/articoli_id_7974_l6.htm

Nos primeiros anos do século XX, um francês amante da literatura e da vida de aventuras, renomado explorador, teve a oportunidade de viver uma das mais sugestivas aventuras cristãs do século passado. Charles de Foucauld, o monge que sozinho construía tabernáculos no deserto argelino para “transportar” Jesus para o meio àqueles que não o conheciam nem o buscavam, e que morreu assassinado por aqueles mesmos tuaregues entre os quais escolhera viver, em silêncio e oração, sem ter ganho entre eles nenhum novo cristão, será proclamado beato pela Igreja ainda este ano.

Entre as fileiras cada vez mais densas de canonizados, De Foucauld poderia parecer à primeira vista pertencer à categoria dos santos extremos, aqueles que defendem as terras de fronteira da aventura cristã no mundo. No entanto, sua história tão irrepetível constitui um dom de alento e de conforto.

É sobre isso, justamente, que *30Dias* conversou com o cardeal Walter Kasper, presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos. Que, entre outras coisas, é um velho amigo de Charles de Foucauld.

Ainda este ano, De Foucauld será declarado beato. Em 1905, há exatos cem anos, chegava a Tamanrasset, sua meta definitiva, no deserto da Argélia. Sei que a figura de De Foucauld lhe é cara e ocupa um lugar especial em sua vida de cristão e de sacerdote. Como o senhor o conheceu?

WALTER KASPER: Na época em que eu era professor de Teologia na Universidade de Tübingen, encontrava com frequência um grupo de sacerdotes membros e amigos da comunidade “Jesus Caritas”, sacerdotes que seguiam a espiritualidade de Charles de Foucauld. Eu

participava regularmente de suas reuniões mensais, que incluíam vários momentos: revisão de vida, leitura e meditação da Sagrada Escritura, celebração e adoração eucarística e, enfim, uma ceia fraternal. Fascinado pela figura de Charles de Foucauld, fui também para a Argélia, para a montanha do Hoggar, onde ele havia vivido em seu tempo, e ali, numa simples cabana na solidão da montanha, fiz meus exercícios espirituais. Lembro-me de que todas as noites um ratinho de olhinhos vivos me visitava para ganhar um pouco do meu pão. Lá em Tamanrasset, mas também em outros lugares, por exemplo, em Nazaré ou aqui em Roma, sempre me impressionou a vida das Pequenas Irmãs de Charles de Foucauld, sua vida de pobreza evangélica entre os pobres e sua vida de adoração eucarística. Para entender melhor a espiritualidade de Charles de Foucauld, foram-me de grande ajuda os escritos de René Voillaume; alguns aspectos dessa espiritualidade entraram também em meu livro *Jesus, o Cristo*.

Naqueles anos, nos quais o senhor participava dos encontros dos grupos “Jesus Caritas”, o que o impressionava em De Foucauld? Por que achava interessante e atual a sua história?

KASPER: Eu encontrava aquele grupo de sacerdotes numa casa de irmãs franciscanas um pouco fora de Tübingen, numa região muito bonita. Comoveu-me a autêntica espiritualidade evangélica, espiritualidade de Nazaré, espiritualidade do silêncio, da escuta da Palavra de Deus, da adoração eucarística, da simplicidade da vida e da partilha fraternal. Mais tarde, compreendi a atualidade e a exemplaridade do testemunho de Charles de Foucauld para os cristãos e o cristianismo no mundo de hoje. Charles de Foucauld me parecia interessante como modelo para realizar a missão do cristão e da Igreja não apenas no deserto de Tamanrasset, mas também no deserto do mundo moderno: a missão por meio da simples presença cristã, na oração com Deus e na amizade com os homens.

A julgar pelos resultados imediatos, De Foucauld parece um perdedor. Durante sua vida no deserto, não houve conversões ao cristianismo entre os tuaregues. O que é que sugere que seu itinerário seja proposto hoje novamente?

KASPER: O filósofo e teólogo judeu Martin Buber disse que “sucesso” não é um dos nomes de Deus. Mesmo Jesus Cristo, em sua

vida terrena, não teve “sucesso”; no fim, morreu na cruz e seus discípulos, exceto João e sua mãe, Maria, se afastaram e o abandonaram. Humanamente falando, a sexta-feira santa foi um fracasso. A experiência da sexta-feira santa faz parte da vida de todo santo e de todo cristão. Essa constatação pode ser um conforto para muitos sacerdotes que sofrem pela falta de um sucesso imediato, pois em nosso mundo ocidental, apesar de todos os esforços pastorais realizados, as igrejas estão cada vez mais vazias no domingo e a sociedade mais descristianizada. Muitos têm a impressão de pregar para ouvidos surdos. Nessa situação difícil, o exemplo de Charles de Foucauld pode ser de grandíssima ajuda para muitos sacerdotes.

De que forma se expressa essa ajuda?

KASPER: Podemos aprender que não se trata da nossa missão ou, por assim dizer, do nosso empreendimento missionário, de uma hegemonia cultural ou de uma ampliação de um império eclesial por meio de estratégias sofisticadas e aperfeiçoadas de pedagogia, psicologia, organização ou qualquer outro método. Certamente, nós devemos fazer o que pudermos, e podemos até nos valer de métodos modernos. Mas no fim se trata da missão de Deus por meio de Jesus Cristo no Espírito Santo. Nós somos apenas o recipiente e o instrumento por meio do qual Deus quer estar presente; no final, é Ele quem deve tocar o coração do outro; só Ele pode converter o coração e abrir os olhos e os ouvidos. Assim, na presença, na oração, na vida simples, no serviço e na amizade humana, como a que Charles de Foucauld viveu com os tuaregues, o próprio Senhor está presente e operante. Devemos nos entregar em suas mãos e a Ele deixar a escolha de como, quando e onde quer convencer os outros e reunir o seu povo.

Isso foi o que De Foucauld viu acontecer na própria história pessoal?

KASPER: Numa meditação de novembro de 1897, ele escreve: “Tudo isso era obra tua, Senhor, e tua somente. (...) Tu, meu Jesus, meu salvador, tu fazias tudo, tanto em meu íntimo quanto fora de mim. Tu me atraíste para a virtude pela beleza de uma alma na qual a virtude me parecera tão bela a ponto de encher irrevogavelmente o meu coração. (...) Atraíste-me para a verdade pela beleza daquela mesma alma”. Certamente não podemos fazer de Charles de Foucauld o único modelo

de missão para todas as situações; há também outros santos exemplares, como, por exemplo, Francisco Xavier, Daniel Comboni e muitos outros, que representam um outro tipo e um outro carisma missionário. As situações missionárias são variadas e assim também os desafios e as respostas. Não é para menos que Charles de Foucauld me parece ser um modelo para a missão não apenas no deserto entre os muçulmanos, mas também no deserto moderno. É emblemático que Teresa de Lisieux tenha sido proclamada padroeira das missões, ela, uma jovem irmã carmelita, que nunca deixou o Carmelo e nunca esteve num país de missão; no entanto, ela prometeu deixar cair uma chuva de rosas do céu depois de sua morte.

Os chamados à missão não são nada raros. No entanto, parecem muitas vezes abstratos, quando não até deprimentes.

KASPER: Nós, cristãos, também somos filhos de nosso tempo; queremos planejar, fazer, organizar, controlar os resultados... Charles de Foucauld nos sugere uma abordagem diferente: imitar e viver a vida de Jesus em Nazaré. Poderíamos nos perguntar: Jesus, passando trinta de seus trinta e três anos numa vida oculta em Nazaré, por acaso perdeu tempo? Em verdade, é justamente a realidade cotidiana, a realidade ordinária que é o verdadeiro espaço público onde se manifesta o dom da vida cristã. A propósito disso, podemos lembrar uma passagem importante da constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium*, no parágrafo 31, onde o Concílio fala da missão dos leigos e diz que os leigos são fiéis que vivem no século, ou seja, nas condições ordinárias, como o trabalho e as outras atividades diárias. “Lá, nas condições ordinárias de sua vida cotidiana, tornam visível a Cristo por meio do fulgor da fé, da esperança e da caridade.” Às vezes temos a ideia errada de que para ser um leigo engajado na missão deva-se ser um empregado eclesial, que, na medida do possível, participa das tarefas do sacerdote, aparece ativamente na liturgia, etc. Mas a coisa mais importante é viver o Evangelho na vida cotidiana, na oração, na caridade, na paciência, no sofrimento, ser irmão de todos e estar convencido - como diz São Paulo - de que a própria Palavra de Deus, se acolhida e vivida por nós, corre e vence.

Charles de Foucauld me parecia interessante como modelo para realizar a missão do cristão e da Igreja não apenas no deserto de

Tamanrasset, mas também no deserto do mundo moderno: a missão por meio da simples presença cristã, na oração com Deus e na amizade com os homens

Muitos reconhecem que os cristãos se tornaram minoria. Mas dizem que justamente por isso é preciso pôr mãos à obra, ser criativos, reavivar a nossa ação. Essa maneira de entender o convence?

KASPER: Convence-me sim e não. Sim, se os cristãos despertam, se tornam conscientes de sua condição, dos novos desafios e de sua missão. Não podemos nos contentar com o *status quo* e continuar como se nada fosse. Isso vale, sobretudo, para a Europa ocidental, que vive numa profunda crise de identidade, ao passo que antes era claramente marcada pelo cristianismo. A Europa deve despertar de sua indiferença, que é uma falsa tolerância. Mas, por outro lado, há o risco de comportar-se como propagandistas de um lobby minoritário, ou seja, de maneira sectária. Nesse sentido, não ao fanatismo militante como o encontramos em muitas velhas e novas seitas, que se tornaram hoje um novo desafio em qualquer parte do mundo. Sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, é preciso um estilo dialogante, ou seja, uma postura de respeito também para com aqueles que são definidos como distantes, que talvez conservem um laço tênue, mas resistente, com a Igreja, e uma postura de respeito para com a cultura moderna, cuja legítima autonomia é reconhecida pelo próprio Concílio. Não queremos e não podemos impor a fé, que por sua natureza não pode ser imposta; queremos - como diz o Concílio Vaticano II na constituição pastoral *Gaudium et spes*, no parágrafo 1 - compartilhar as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens, dos pobres sobretudo e de todos aqueles que sofrem, e, por meio dessa vida de partilha, dar testemunho da nossa fé.

E nisso entra De Foucauld?

KASPER: Essa postura era típica de Charles de Foucauld. Basta pensar em sua amizade com os tuaregues, e, sobretudo, com seu chefe, Musa ag Amastan. Ele nada fazia para convencer e fazer prosélitos. O máximo que podia fazer era tornar alcançável o próprio Cristo, levando o tabernáculo ao deserto. Mas depois não idealizava estratégias elaboradas. Vivia simplesmente sua vida de oração e trabalho. Só depois da sua morte encontrou seguidores, seguidores que vivem hoje entre os mais pobres compartilhando suas experiências cotidianas.

Nos últimos tempos, nas discussões sobre as raízes cristãs da Europa, alguns pensadores leigos também repreenderam a Igreja por timidez ao defender e propor verdades e valores. Como o senhor julga essas acusações? E o que diria delas De Foucauld?

KASPER: A acusação movida, frequentemente, contra a Igreja em seu conjunto não é certamente fundamentada; o Papa e muitos episcopados europeus se expressaram clara e vigorosamente em favor da identidade cristã na Europa. Mas, ao mesmo tempo, é verdade que em alguns âmbitos e círculos dentro da Igreja existe uma certa timidez e fraqueza ao defender e propor a verdade e os valores cristãos. Essa postura brota muitas vezes de uma fé frágil que perdeu suas certezas, sua determinação, que confunde a tolerância com a indiferença. Charles de Foucauld não declamou grandes slogans: seu comportamento nasceu de uma convicção totalmente diferente. Ele partiu de uma fé sólida e viva, que em si mesma, também sem grandes palavras, era um testemunho forte e corajoso, mas também humilde, da mensagem cristã e de seus valores. Sem pretensões de posse, sem atitudes de desafio. No final de 1910, escreveu: “Jesus basta. Quando ele está presente, nada falta. Quem se apoia nele tem a sua força invencível”. Um testemunho como esse pode induzir os outros a refletirem, a fazerem perguntas, pode suscitar admiração e, se Deus conceder a graça, até o desejo de compartilhar essa vida segundo os valores cristãos. De fato, nossa defesa da identidade cristã da Europa só será convincente se vivermos os valores que defendemos. Não apenas as palavras, mas é a vida que convence. Escrevia a De Foucauld o seu mestre espiritual, padre Henri Huvelin, numa carta de 18 de julho de 1899: “Faz-se o bem com aquilo que se é, bem mais do que com o que se diz... Faz-se o bem quando se é de Deus, quando se pertence a Ele!”. E quando isso acontece, não é preciso inventar nada mais. Basta “ficar onde está, deixar penetrarem, crescerem e consolidarem-se na alma as graças de Deus, defender-se da agitação”.

Os pedidos de perdão pelos pecados do passado também foram considerados por alguns expressão de fraqueza. O que o senhor diz sobre isso, à luz da figura de De Foucauld?

KASPER: Charles de Foucauld tinha razão em pedir perdão por sua vida mau empregada antes da conversão. Ele nos mostra que um novo início é sempre possível, por graça divina. Nós também, em todas as

celebrações eucarísticas, começamos com um ato penitencial; isso seria completamente impensável numa reunião de partido, de empresa ou de qualquer outra associação. Agindo assim, exprimimos nossa fraqueza, o que é um ato de sinceridade, mas ao mesmo tempo manifestamos a força da mensagem cristã da misericórdia e do perdão, ou seja, da possibilidade de que Deus possa realizar uma mudança e dar um novo início também a uma história humanamente sem saída e sem esperança. De Foucauld, numa meditação, escreve: “Não existe pecador tão grande, nem criminoso tão calejado, ao qual tu não ofereças em voz alta o Paraíso, como o deu ao bom ladrão, ao preço de um instante de boa vontade”. Pedir perdão não é, portanto, uma fraqueza, mas uma força; é expressão de uma esperança que não esquece, não renega nem desconhece o passado e que, ao mesmo tempo, não se sente acorrentada ao passado e pode olhar para o futuro. Pedir perdão é expressão da liberdade cristã, liberdade que nós conhecemos em Cristo. Pedir perdão não é um ato politicamente correto, mas tem a ver com a natureza da Igreja e com sua mensagem.

O que os tuaregues da Argélia têm em comum conosco, homens das realidades urbanas?

KASPER: De Foucauld leva Jesus Cristo até “aqueles que não o buscam”. Não é errado dizer que, sob alguns aspectos, a situação dos tuaregues da Argélia é semelhante à dos nossos contemporâneos na realidade urbana, ou seja, a nossa mesma situação, ainda que exteriormente a diferença seja evidente; no caso deles, trata-se de pobreza material, no nosso, de pobreza espiritual. O deserto certamente é diferente. Mas o ponto em comum consiste no fato de que nem eles nem nós estamos realmente “em casa” em lugar nenhum; estamos em caminho, somos nômades. Temos em comum, além disso, uma certa letargia. Muitas vezes vagamos sem uma meta precisa e uma sólida esperança. Somos, portanto, um povo junto ao qual a pregação do Evangelho e a conversão são difíceis. Nessa situação, Charles de Foucauld nos dá uma resposta profética mas também exigente, no fundo a única resposta possível: uma vida evangélica que manifesta a alternativa profética do Evangelho, tornando-o novamente interessante e atraente. Assim, Charles de Foucauld é uma figura luminosa, e pode ser

também um válido contrapeso diante do perigo, de um emburguesamento e de uma tediosa banalização da Igreja.

Os pobres são para De Foucauld os destinatários prediletos da promessa de Cristo. Não lhe parece que a percepção da predileção dos pobres tenha-se ofuscado?

KASPER: Os pobres e os pequenos são, segundo Jesus, os prediletos de Deus e os destinatários preferidos de sua evangelização. São Paulo também nos diz que nas comunidades primitivas havia poucos ricos, poucos sábios, poucos poderosos e poucos nobres. O Concílio Vaticano II redescobriu e frisou esse aspecto; depois do Concílio falou-se muito da opção preferencial pelos pobres. A teologia da libertação se inspirou nessa mensagem, mas às vezes o instrumentalizou por objetivos ideológicos; fazendo assim, tornou-se ambígua. Isso não significa, porém, que a mensagem não seja mais válida e atual. Pelo contrário, a grande maioria da humanidade vive atualmente abaixo do limiar da pobreza, e isso é verdade, sobretudo, na África, onde Charles de Foucauld viveu, entre os pobres. Nós fazemos votos, então, de que sua beatificação repropõe num sentido absolutamente não ideológico a urgência de enfrentar o desafio da pobreza, tanto material quanto espiritual, e nos mostre a resposta evangélica, por ele vivida de maneira exemplar, que o mundo atual deve dar.



BEM-AVENTURADO CHARLES DE FOUCAULD

Isabel Orellana Vilches. 1º de Dezembro de 2015.

Fonte: <https://pt.zenit.org/articles/tag/beato-charles-de-foucauld/>

O apóstolo dos Tuaregues, Irmão universal de origem aristocrática, se converteu já adulto e dedicou sua vida à missão.

Este “missionário do Sahara” apóstolo dos Tuaregues, nasceu em Estrasburgo, França, em 15 de setembro de 1858. Sua origem aristocrática – visconde de Foucauld- atribuiu ao seu caráter a distinção esperada de alguém de sua descendência. Ficou órfão com 6 anos e cresceu, com a irmã Marie, sob os cuidados do avô, rumo à vida militar. Estudou com os jesuítas, mas os três anos que passou com eles, parecia não ter causado nenhum impacto em sua alma. A partir de seus 16 anos viveu afastado da fé. Como o filho pródigo, ele desperdiçou a herança, manchando sua existência com as sombras desse ambiente que lhe surgiu.

Em 1878, ele se juntou ao exército e dois anos mais tarde tornou-se primeiro oficial e foi servir em Setif, na Argélia. Deus não existia para ele. Outros interesses mundanos chamavam a sua atenção tanto que, no ano seguinte, a sua má conduta o levou à sua expulsão. A partir desse momento, teve uma vida muito agitada. Ele se tornou um explorador. Buscava intimamente uma resposta interior que o inquietava.

Ele participou da revolta de Bon Mama no Sul do Oran, estudou árabe e hebraico, e em 1883 iniciou uma expedição ao Marrocos pela qual foi condecorado com a medalha de ouro da Sociedade Geográfica; visitou a Argélia e a Tunísia. Foi uma viagem que preparou o seu espírito para ser fecundado pela graça divina. Ao ver como os muçulmanos viviam a fé, irrompeu de seu interior a seguinte oração: “Meu Deus, se existis, fazei que vos conheça”. Esta sinceridade e abertura foram o suficiente para que a luz divina penetrasse em seu coração. Em outubro de 1886, quando estava em Paris preparando o texto sobre sua viagem para o Marrocos, ele começou sua jornada espiritual tomado pela mão do Padre Huvelin. Obedecendo a suas instruções ele se confessou, apesar de se declarar incrédulo, e foi completamente renovado: “Quando acreditei que existia um Deus, compreendi que não podia fazer outra coisa senão viver somente para Ele”.

Durante sete anos o lugar dos Trapistas foi a sua casa. Impactado com a experiência, mas ainda não totalmente apto, foi para Roma estudar. Em 1896 deixou a comunidade trapista e foi peregrinar na Terra Santa, onde

permaneceu com as Clarissas de Nazaré. Este foi outro momento importante para sua vida espiritual: “Não temos uma pobreza de convenção, mas a pobreza dos pobres. A pobreza que, na vida escondida, não vive de dons nem de esmolas nem de rendas, mas só do trabalho manual”, afirmou.

Depois de uma experiência quase eremítica, saboreando a riqueza da contemplação, retornou para a França, onde continuou seus estudos que o levaram à sua ordenação em 1901, em Viviers. Ele tinha 43 anos e uma ideia apostólica muito clara, que não hesitou em materializar: a evangelização do Marrocos. Incapaz de residir no país, como era o seu desejo, ele se estabeleceu o mais próximo possível, em Beni-Abbes, Argélia. Ele já estava convencido: “Farei o bem na medida em que for santo”. O espírito de sacrifício, a pobreza, o cuidado dos doentes e dos necessitados tornou-se o principal objetivo de sua vida, que inflamava em suas longas horas de adoração diante da Eucaristia: “A Eucaristia é Deus conosco, é Deus em nós, é Deus que se dá perenemente a nós, para amar, adorar, abraçar e possuir”. Sabia por experiência que “quanto mais se ama, melhor se reza”.

Entre 1904 e 1905 se estabeleceu em Tamanrasset com os Tuaregues do Hoggar argelino. Ele corajosamente realizou um trabalho formidável de inculturação, primeiramente, traduzindo em tuareg os Evangelhos e, no sentido inverso, traduzindo poesias tuareg para o francês. Ele é autor de um dicionário francês-tuareg e tuareg-francês, de uma gramática e de várias obras sobre esta tribo nômade. Este era o seu desejo: “Eu quero ser bom o suficiente para que digam: “Se tal for o servidor, como então será o Mestre?”

Em 1909 ele deu início a União de Irmãos e Irmãs do Sagrado Coração a fim de levar a fé à África. Nos onze anos em que viveu com os tuaregues se tornou um com eles, sem medir esforços, com a alegria de saber que assim cumpriria fielmente a missão para a qual ele sentiu-se chamado por Cristo. Ele amou aquele povo até o fim e ali entregou a sua vida. Dia 01 de dezembro de 1916 uma bala no meio de uma emboscada de bereberés deu fim a este grande apóstolo que foi beatificado por Bento XVI em 13 de novembro de 2005.

A influência de sua espiritualidade é encontrada em várias instituições: nos Irmãozinhos e Irmãzinhas de Jesus, nas Irmãs e os Irmãos do Evangelho, nas Irmãs de Nazaré, nas Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, na Fraternidade Jesus Caritas e na Fraternidade Charles de Foucauld.

A BONDADE DO IRMÃO CARLOS DE JESUS

Pe. Celso Pedro – Cônego na Santuário Santa Rita – São Paulo - SP

Participando da Missa na igreja de Santo Agostinho, em Paris, Carlos de Foucauld ouviu do pregador, Padre Huvelin, que “Jesus ocupou de tal forma o último lugar que ninguém jamais conseguiu tirá-lo dele”. O último lugar. Esta afirmação evangélica do Padre Huvelin marcou a vida do Irmão Carlos. Ele compreendeu que não poderia estar em outro lugar a não ser no último se quisesse seguir e imitar Jesus de verdade.

Em outra ocasião, Padre Huvelin lhe disse: “O seu apostolado é o apostolado da bondade”. Mais uma vez temos o Padre Huvelin orientando os passos do Irmão Carlos. O apostolado, - hoje diríamos “a pastoral”, - da bondade e da misericórdia marcará para sempre a vida do Padre de Foucauld. Ele transcreve em seu diário de 1909 a orientação do Padre Huvelin: “Meu apostolado deve ser o apostolado da bondade. Vendo-me, devem dizer: Sendo este homem tão bom, sua religião deve ser boa. Se alguém pergunta porque sou manso e bom, devo dizer: Porque sou o servidor de alguém bem melhor do que eu. Se soubessem como é bom meu Mestre Jesus. Gostaria de ser muito bom para que dissessem: Se tal é o servidor, como, então, é o Mestre?”

Henrique Huvelin era um padre secular da Arquidiocese de Paris e vigário na paróquia de Santo Agostinho. Foi ele quem atendeu a confissão de conversão do Irmão Carlos. Nascido a 7 de outubro de 1830, faleceu em Paris no dia 10 de julho de 1910. Extraordinário conferencista e pregador, foi também notável confessor e diretor espiritual. Sua dedicação e imensa cultura chamam a atenção de quem hoje se põe em contato com a história de sua vida. Assim, em 1910, mais de 90 padres com 6 bispos da grande Paris se reuniram em Santo Agostinho para uma sessão de estudos sobre a vida e a obra do Padre Huvelin. Ele soube ser amigo do Irmão Carlos e soube orientá-lo. Um exemplo para nós, padres diocesanos seculares.

Para ser bom é preciso saber contemplar os atos de bondade que acontecem ao nosso redor e contemplar a Bondade, de onde emanam todos os atos bons. Meditando sobre o nascimento de nosso Senhor, o Irmão Carlos escreveu: “Meu Deus, como vós sois bom! Por que nasceste? Por que viestes ao mundo, a esta terra? Era necessário para

nos salvar? Não, uma palavra vossa, um ato de vossa vontade podia nos salvar ... Era necessário para nos santificar? ... Não, um ato de vossa vontade podia nos encher interiormente de graça, de luz, de boa vontade, de santidade ... Por que escolheste esse meio de vir entre os homens, com a forma de um homem? Porque é um meio cheio de um amor infinito, incompreensível, divino, e que, por conseguinte, vos convém ... Todo ser age segundo a sua natureza. Deus é amor. Portanto, Deus age por amor. ... Vinde e vede ... segui e olhai ... imitai e contemplai. A primeira coisa a seguir, a imitar é o amor que é a essência mesma de nosso Bem-amado Jesus.”

Ordenado sacerdote no dia 15 de junho de 1901, o Padre de Foucauld volta à Argélia onde vive sozinho em termos de comunidade cristã, mas não isolado em termos humanos. Mergulha em seu meio ambiente e vive o apostolado da bondade. Ninguém o visita, nenhum padre, nenhum bispo. Seus relacionamentos se dão com os moradores do lugar, cuja língua ele aprende, a língua dos tuaregues. Fazendo-se irmão de cada pessoa, como fez Jesus em Nazaré, mostrou-nos a importância da presença silenciosa no encontro com o outro.

Irmão Carlos experimentou a bondade e a misericórdia de Deus em sua vida. Vendo como isso foi bom, procurou ele mesmo ser fonte de bondade e misericórdia para com todos. Disse o Papa Bento, meditando sobre a oração de Abraão pelos habitantes de Sodoma, que “não se pode tratar os inocentes como os culpados, isso seria injusto; é necessário, no entanto, tratar os culpados como os inocentes, realizando um ato de justiça "superior", oferecendo-lhes uma possibilidade de salvação, porque, se os malfeitores aceitam o perdão de Deus e confessam sua culpa, deixando-se salvar, não continuarão fazendo o mal; eles se converterão também em justos, sem necessitar jamais ser castigados.” Assim também o Irmão Carlos nos convida a sermos bons para com os pecadores “pois Deus é tão bom para conosco; rezemos por eles, amemo-los, amemos suas almas feitas à imagem de Deus e resgatadas pelo sangue de Cristo. Não os rejeitemos, não os julgemos, não os condenemos, peçamos que Deus os salve e façamos o que pudermos, o que devemos para isso, segundo nosso estado. Detestemos o pecado, mas tenhamos para com o pecador pensamentos de piedade, de misericórdia, de desejo de sua conversão. Sejamos misericordiosos como o Pai é

misericordioso. Deus ama a misericórdia mais que os sacrifícios. Quando alguém entra em casa, ou volta para casa, Irmão Carlos nos orienta a recebê-lo como o Pai nos recebeu, com afeto, ternura, sem volta ao passado, sem repreensão, sem desconfiança do futuro.

Vivemos em relações, e em nossos relacionamentos se concentram nossas maiores dificuldades. Não é difícil tratar bem quem é bom. É preciso, porém, alinhar-se com os que estão fora da linha, são complicados, talvez canonicamente irregulares, aceita-los, acolhê-los, empenhar-se em fazer alguma coisa por eles, sem descansar num julgamento rápido. Pastoral do Irmão Carlos de Jesus, apostolado da bondade.

A pastoral da bondade não pode ser um proselitismo disfarçado. “Não estou aqui para converter os tuaregues, disse o Irmão Carlos a Lehuraux (No Saara com o Pe. De Foucauld, p. 115), mas para tentar compreendê-los.” Se tem alguém que nos compreende é Deus que nos criou. Como é bom quando somos compreendidos. O Irmão Carlos compreendeu, e sua casa foi chamada de “fraternidade”.

MISSÃO É PROFETISMO

A VIDA MISSIONÁRIA

Pe. Badacer Neto. Assessor da Juventude Missionária Junto às POM

Os olhos absortos no horizonte contemplam o rio que corre para desaparecer no mar e ser integrado ao Oceano. Inúmeras vezes me peguei, assim, a contemplar a dinâmica das águas que cercam minha pequena cidade natal. Situada no litoral sul da Bahia, integrada a Diocese de Itabuna, Canavieiras é cercada pelas águas. Nela nasci e cresci a observar o movimento dinâmico das marés e o infinito do oceano.

Pensar a vida missionária me remete a estes anos idos, ali onde era gerado para, como o rio, também não descansar enquanto ao mar não regressar. Inúmeras vezes fui a barra, lugar de encontro das águas, onde

o rio e o mar, em diálogo profundo, se fundem e se integram em uma comunhão total, lugar de muita vida, berço de inúmeras espécies. Contemplar tudo aquilo é ser conduzido a pensar em Deus que também nos chama para nele nos integrarmos todos e experimentarmos a vida plena.

O rio ouve o chamado do mar e para ele corre superando todos os obstáculos, fazendo longos caminhos e inúmeras voltas, transformando inúmeras paisagens e gerando vida por onde passa, assim também é a vocação e a vida missionária, foi assim o meu despertar vocacional. Nesse movimento das águas eu ouvi o chamado do Mar, ora com seu som que acalma e relaxa, ora com seu eco ensurdecido e assustador e, me deixei ser conduzido para ele.

Minha vocação se fez ouvida doce como as águas do rio e agitada como as ondas do mar e me conduziu dentro da minha comunidade paroquial para o encontro com os jovens, mesmo eu sendo jovem, e com eles conhecemos um pouco mais sobre o Oceano de Amor que nos chamava a estar ali, na catequese, no grupo de teatro a aprofundar o que significa amizade, fraternidade, solidariedade, compromissos e, a alimentar sonhos, a manter os olhos fixos no horizonte.

Este movimento das águas, ainda me levou ao encontro do sofrimento e da miséria das pessoas quando, por meio dos vicentinos, tocamos as feridas das pessoas e as ajudávamos a dar mais um passo quando suas energias já não o permitiam. E, como no rio a água nunca para, também não consegui parar quando, integrado na equipe missionária, visitávamos inúmeras comunidades no interior da paróquia, percorrendo longos trechos e vivenciando encontros fraternos em torno da Palavra de Deus.

Entretanto, como o caminho do rio nunca é linear, mas marcado por inúmeras curvas e voltas, fui conduzido ao seminário diocesano, onde, meio que contida a correnteza da água, pude aprofundar e amadurecer este eco da voz do mar, que se faz ouvir em cada búzio e, por meio da oração, reflexão e leituras, pude com mais liberdade e confiança continuar o percurso das águas seguindo o chamado que outrora ouvi.

O som me conduziu ao encontro de inúmeras pessoas com as quais pude dividir os sonhos e as alegrias, compartilhar as lutas e as tristezas nas três comunidades paroquiais por onde passei e, mais uma

vez, fui conduzido ao seminário para ajudar a outros a alimentar os sonhos e, a manter o ouvido aberto a este doce chamado das águas.

Porém, a água não é só suave, ela é forte e imponente e, quando cresce pode nos amedrontar, e chegou a hora de deixar-me cair, como que uma cachoeira em queda livre, embora encha nossos olhos de beleza, aperta o coração, não se importando com a altura, se lança. Assim, eu tive que lançar-me e deixar-me conduzir a outras margens bem mais distantes. O oceano foi cortado, outro continente alcançado, cultura e povo diferentes, mas a mesma vida, o mesmo caminho, a mesma direção, o mesmo chamado, o mesmo convite para chegar ao mar. As águas rompem fronteiras.

E, como os rios temporários se enchem em determinados tempos para embelezar a vida do lugar por onde passam, pois, a maioria do ano apenas vive como um veio d'água, ali em África, Moçambique, fiquei por três anos. Pude então, experimentar o que significa viver uma fraternidade universal, quando no meio de outro povo se pude oferecer-me, ainda que imperfeitamente, como água para que pudesse matar a sede, refrescando a vida ou revigorando e enchendo de energia as pessoas, quando estas pensam que já não vão aguentar.

Porém, o rio não pode parar, o sussurro do mar é mais forte e, o faz prosseguir, e me faz continuar, em suas voltas e curvas é conduzido a margens mais definidas e sólidas que o deixam mais contido, não para que aprisionado morra, mas para que a partir de sua contenção possa dar de beber a inúmeras outras pessoas, possa irrigar outras paisagens e alimentar de sonhos a vida de tantos outros.

É o trabalho da Obra da Propagação da Fé quando desenvolve atividades que alimentam a vocação e o sonho de uma igreja toda missionária a partir das famílias, dos jovens, dos idosos e dos enfermos. Todos somos missionários e não podemos deixar que nossos ouvidos se façam surdos a este doce chamado do Mar. No momento é onde as voltas do rio me trouxe. O ouvido continua aberto ouvindo o desconcertante sussurrar do mar, o oceano está ali ou um pouco mais lá, a barra não sabemos onde, nem quando será, porém, o mais importante, é nunca se permitir parar.

NAVEGAMOS NAS MESMAS ÁGUAS E PISAMOS OS MESMOS DESERTOS

Renato Bicudo. Fraternidade Leiga de São Paulo – SP

Na minha infância, adolescência e início da juventude, por força de uma catequese herdeira de uma pedagogia e de uma didática mais triunfalista e apologética, eu entendia os santos, os profetas e demais homens e mulheres oriundos das Escrituras, como inigualáveis super-heróis.

Eu tinha a mais cristalina convicção de que toda aquela epopeia não me dizia respeito, ou melhor, jamais seria um paradigma a ser seguido por mim. Eu era um simples garoto nascido nos grotões de uma cuesta, uma serra, perdida entre as infindáveis tonalidades do verde das matas e dos azuis-lilases de um céu gigantesco e infindo que a todos acobertava sem qualquer seletividade.

Mesmo sendo muitos os que eu achava inatingíveis naquele panteão celestial, há uma verdade que eu não posso omitir: eu tinha a plena certeza, a mais pura clareza, a mais persistente persuasão, de que Jesus era profundamente humano, dócil, amigo, companheiro, cúmplice e um inigualável confidente. Ele era totalmente diferente de todos os outros homens e mulheres da Bíblia. Essa certeza de um mestre e amigo, nunca se apartou do meu coração juvenil.

Mas, em nossas vidas, há sempre um momento em que se rompem as comportas da inocência e nos deixamos levar pelas ondas turbulentas da existência. Eu também sucumbi nessa avalanche da descrença, da arrogância, da autossuficiência, do pragmatismo materialista, do hedonismo e da prepotência de julgar-me o bastante e a medida exata para minha vivência. Porém, algo inquietava-me constantemente: aquele Jesus que eu aprendera a amar, jamais deixou de estar comigo.

Desiludido com os caminhos da Universidade e da academia fui, aos poucos, voltando ao amor primeiro. De chofre, um dia, conheci um tal de padre do deserto, um místico, um hippie como eu, um viajante como eu, um poeta como eu, um tal de Charles de Foucauld. O encanto foi imediato. Lendo, conhecendo e convivendo com seguidores e seguidoras desse homem, entendi porque intuía ainda na infância e adolescência, o quanto Jesus era amigo, companheiro e confidente.

Percebi que eu também poderia ser um pequeno profeta, um missionário, mesmo na vida laical.

Hoje grito aos quatro cantos por justiça, por fraternidade e pela paz. Às vezes pago muito caro por minhas opções e desejo do Reino. Outras vezes, tenho que me calar e sentir-me o último, sabendo que não sou tão importante como eu penso ser. O mundo caminha sem a minha presença!

Elegi os presídios como meu *locus* e minha porção. Amo os presidiários e por eles sou amado. Recebo deles afagos maravilhosos que, muitas vezes, me levam às lágrimas. Se aqui fora sou um senhor leigo, dentro das grades eu sou algumas vezes o padre, outras o pastor. É assim que eles – na simplicidade e despojamento de suas vidas – a mim se dirigem. Embora eu tente lhes dizer que sou apenas um agente da Pastoral Carcerária, eles insistem em me elevar à condição de um ministro ordenado.

Enfim, depois de conversarmos muito, falarmos da vida e das nossas condições de prisioneiros de tantas outras cadeias existenciais; depois de rezarmos, rirmos muito, nos abraçamos, nos despedimos sempre com o que eles mais gostam de ouvir de mim, quando eu lhes digo: não percam nunca a esperança. Os homens podem roubar tudo de vocês, mas a esperança, ninguém poderá arrancar de seus corações. Sorrisos lindos se estampam em seus rostos descarnados e sem brilho, e eu saio do presídio me sentindo um missionário, um profeta, um amigo de Jesus e de Carlos de Foucauld.

MINHA VIDA EM MISSÃO!

Carlos Humberto Campos. Sociólogo e agente da Caritas
Brasileira Regional Piauí

“Nem o sal, nem a luz, nem a Igreja e nenhum cristão vive para si mesmo. Sua missão é sair de si, iluminar, se doar, dar sabor e se dissolver. Nós, cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade, devemos ter olhares luminosos e corações sábios, para gerar luz, sabedoria e sabor, como Jesus Cristo e seu Evangelho” (CNBB Doc105 n. 13).

Assim vejo a trajetória de vida, dos irmãos e irmãs de caminhada da nossa Igreja, que fazem parte da Fraternidade Sacerdotal Jesus Caritas. Homens e mulheres que abdicaram do aconchego familiar, dos amigos, da sua terra natal e se lançaram em territórios desconhecidos, terras distantes, conviver com pessoas e costumes diferentes. Somente aqueles e aquelas que têm a coragem de escutar e responder a voz profética de Jesus, seu chamado missionário, tomam essa atitude em nome de sua fé num Deus libertador! Por onde passam, espalham o perfume da liberdade, do amor e da caridade. Foi assim que fui acolhido, tocado, seduzido e contaminado pelo espírito missionário e profético desses irmãos e irmãs, sobretudo, amigos/as padres e religiosos/as, que no dia a dia de suas vidas, tornam-se candeeiros, luzes no caminho da Missão que não pode parar!

Essa narrativa não tem a pretensão de se sobrepor a nenhum exemplo de vida cristã, quero apenas partilhar uma modesta e simples trajetória de vida, que busca, incessantemente, viver uma fé num Deus que se revelou como aquele que não abandona seu povo, que caminha na história ao lado de quem clama por justiça, por direitos, pela vida dos pobres e pela paz. Sinto a presença de Deus em todos os instantes da minha vida. Um Deus que não legitima uma sociedade hipócrita e perversa, que, em nome do lucro, do prazer e do sucesso, explora e admoesta crianças, violenta e assassina mulheres indefesas, abandona e extermina as juventudes, decreta a destruição da natureza através do desmatamento e do envenenamento das águas. Meu Deus não legitima as desigualdades sociais! Meu Deus não é indiferente ao sofrimento dos pobres!

Tudo começou ainda na juventude, realizando a catequese nas ocupações das periferias de Teresina - PI, com as crianças e os pais; nas comunidades Eclesiais de Base descobri o sentido da fé e da vida; daí veio a militância e o serviço como agente de pastoral da Caritas Brasileira Regional Piauí, atuando no Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional – CONSEA; no Fórum Piauiense de Convivência com o Semiárido e no Conselho de Regularização Fundiária do Piauí. Com isso, pude perceber a importância de nós, leigos e leigos cristãos, vivermos nossa missão de batizados nesses espaços, não com interesses de promoção pessoal, mas com o compromisso de ser uma voz profética em

defesa da vida que é ameaçada pela ganância e egoísmo dos poderosos. Não podemos permitir o fim da dimensão social do Evangelho de Jesus Cristo.

Ali pude entender que não posso viver a minha fé apenas através das práticas de rituais religiosos desprovidas de compromisso social e político. Nossa fé não pode ser restrita, é uma opção de vida! Ser sujeito eclesial é ser cidadão do mundo, é contemplar o rosto sofredor de Jesus Cristo, onde padece um irmão/ã; no olhar pedinte e faminto de milhões de pessoas vítimas das secas no Semiárido, sem comida e água suficiente para viver dignamente e abandonadas pelo poder público; é ter sensibilidade e sentir as dores dos povos, das águas e das florestas, dos Cerrados, sendo extintos pela invasão das terras e a chegada do agronegócio; envenenando as águas, destruindo a agricultura familiar. Nossa fé cristã não permite indiferença e acomodação frente a essa realidade.

É muito exigente nossa resposta à Palavra de Deus, ao Sacramento da Comunhão, a Eucaristia, a partilha na mesa comum com Jesus Cristo, pois ela tem que ser revelada com atitudes de vida concreta. É muito importante o anúncio da Boa Nova, entretanto, o mais significativo é a sua realização. Tenho buscado muitos caminhos para essa concretude, contribuindo e ajudando na preparação e realização das Romarias da Terra e da Água; no Grito dos Excluídos; nas manifestações e mobilizações em defesa dos direitos dos pobres; na conquista e instalação de iniciativas nas comunidades para captação de água da chuva e produção de alimentos; nas reflexões e elaborações de propostas para incidir nas políticas públicas que garanta vida digna para o povo. Mas digo a vocês, não abro mão da minha vida em comunidade; da participação na missa e comungar com Cristo aos domingos pela manhã; de rezar o terço semanal com meus companheiros e, diariamente, rezar a Palavra de Deus! Sabe por que? É na partilha da oração e da fé com os outros que fortaleço a minha fé para enfrentar os desafios de um mundo que clama por melhores condições de vida! Um mundo sem fé, sem oração e sem amor, se consome na dor e no sofrimento.

Sou um leigo cristão católico. Há 31 anos fiz a opção do sacramento do matrimônio; nova vida, outros desafios, viver e sentir o sabor da fidelidade ao Amor de Deus com a minha esposa e a família. Há

29 e 27anos, por intercessão e bondade do Pai, recebemos, eu e Cecília minha esposa, a grata missão de ser pai e mãe. Um filho e uma filha, duas criaturas de Deus, confiadas a nós para educá-los na fé e na vida. Viver plenamente em Deus, essa missão, é ter a capacidade de compreender os seus mistérios e ter a certeza que nossos filhos nos ajudam a ser melhores pessoas e nos apontam o caminho da santificação. Fazer memória desses momentos sempre provoca emoção, o coração acelera, os olhos lacrimejam, por que revelam um sentimento de Deus. O compromisso e a fidelidade à minha família estendem-se à comunidade, sobretudo, na defesa dos direitos e na prática da justiça. Oxalá, pudéssemos ter a convicção de dizer: “Eu sou uma missão nesta terra e para isso estou neste mundo” (EG, n. 273). Não podemos ficar tranquilos em nossos templos, em nossas famílias, em espera passiva. É necessário sair da zona de conforto e viver, decididamente, o profetismo missionário. Precisamos ir ao encontro do povo; ficar com o povo; ter prazer e alegria de ser povo!

Hoje, fortalecido pelo profetismo do Papa Francisco, nós cristãos, discípulos missionários, devemos enfrentar, como profeta, as realidades que contradizem o Reino de Deus e insistir em dizer: “Não nos roubem o entusiasmo missionário” (EG, n. 80). “Não deixemos que nos roubem a comunidade” (EG, n.92). “Não deixemos que nos roubem o ideal de amor fraterno” (EG, n. 101).



PROFETISMO É MÍSTICA

50 ANOS DE MEDELLÍN

Dom Demétrio Valentini, Bispo emérito de Jales- SP. Esse texto foi publicado no site da CNBB no dia 26 de abril de 2018.
<http://www.cnbb.org.br/50-anos-de-medellin/>

Completam-se, portanto, 50 anos de sua realização. A celebração do seu cinquentenário é uma boa oportunidade para resgatar a memória deste acontecimento, que se tornou emblemático como referência do esforço para colocar em prática, de modo criativo o Concílio Vaticano II.

A própria data da realização da Conferência de Medellín, no ano de 1968, coloca este evento no contexto histórico do Concílio, que tinha suscitado na Igreja um amplo processo de renovação, que necessitava ser bem articulado e bem conduzido.

O Concílio tinha se realizado de 1962 a 1965. Já antes que ele terminasse, foi amadurecendo a ideia de que era preciso aplicar suas grandes intuições de maneira adequada à situação da Igreja em cada continente.

Quem logo abraçou esta ideia foram os bispos latino americanos. É importante assinalar que a Igreja da América Latina era a única que já possuía uma incipiente articulação continental, através do CELAM – Conselho Episcopal Latino Americano. Isto facilitou as tratativas iniciais visando a realização de uma “conferência episcopal”, com a finalidade ampla de acolher o Concílio e realizar suas propostas de renovação eclesial no contexto da realidade própria do continente latino americano.

Esta iniciativa contou logo com o incentivo do Papa Paulo VI, fato que contribuiu muito para legitimar os seus amplos propósitos.

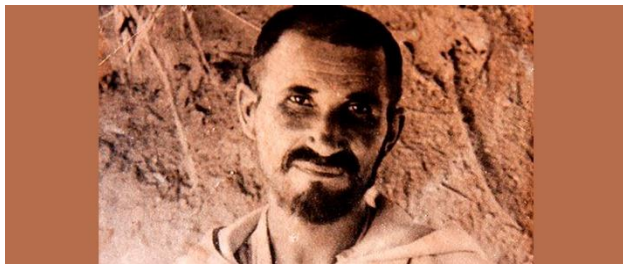
Outra constatação importante para se entender Medellín, era a situação muito tensa, vivida pela maioria dos países latino americanos, muitos deles enfrentando regimes de exceção, sob o peso de ditaduras militares, e com a pressão da pobreza em que se encontrava grande parte da população. Neste contexto se compreende melhor o que significou a Conferência de Medellín.

A preocupação em integrar as orientações pastorais do Concílio com a realidade própria dos países da América Latina, levou a Conferência de Medellín a adotar o método que acabou sendo uma de suas características principais: VER, JULGAR E AGIR. Este método era uma das preciosas heranças da Ação Católica, em especial da JOC, Juventude Operária Católica.

O desafio de entender a realidade, para se agir adequadamente diante dela, suscitou a consciência da importância da reflexão teológica. A caminhada da Igreja precisa ser acompanhada de adequada compreensão da realidade. Daí nasceu a “teologia da libertação”, em sintonia com a busca concreta de libertação que permeava o empenho de tirar da miséria e promover as populações pobres do continente. Com isto fica situada a “opção pelos pobres”, que a partir de Medellín passou a ser uma característica marcante da Igreja latino-americana.

E assim dava para ir entendendo melhor outras marcas da caminhada pastoral, como as comunidades eclesiais de base, a leitura popular da Bíblia, a valorização dos leigos, o planejamento pastoral, a inserção das comunidades religiosas nas periferias, as pastorais sociais, a proximidade da hierarquia com o povo.

Estes breves acenos sobre a Conferência de Medellín não são para deixar o assunto esgotado. Ao contrário, se destinam a nos motivar para resgatar a memória das grandes opções pastorais, e ter presente as resistências que elas encontraram, ou que ainda encontram em nossos dias. Pois Medellín continua sendo um marco referencial para avaliarmos a caminhada da Igreja na América Latina.



AS VEREDAS DA SANTIDADE NOS SECRETOS CAMINHOS DA VIDA

Pe. Nelito Dornelas- Governador Valadares - MG

Há cinquenta anos, desde a publicação da *Lumen Gentium*, muitos cristãos e cristãs entenderam que a santidade consiste, acima de tudo, na vivência batismal, no cotidiano da vida, sem muitas complicações. Superaram a visão de que os Santos e as Santas estão muito acima do nível comum, super-heróis, servindo de desculpa para não buscarmos a plenitude da vocação à santidade.

Parece que esta visão de santidade vem sofrendo ataques e perseguições da parte dos cristãos “ilustres”, que se fazem guardiões das portas do céu e estabelecem “alfândegas” da graça, muito próximas à “ideologia da prosperidade”, que transformou a dimensão *humanitária* da existência cristã em *monetária*.

O Papa Francisco, herdeiro direto da eclesiologia conciliar, decidiu programaticamente publicar três encíclicas contemplando as três dimensões essenciais da Igreja em vista do Reinado de Deus: *a criação, a sociedade e a pessoa humana*.

A *Gaudete et Exsultate* (Alegrai-vos e Exultai) é um verdadeiro tratado de antropologia cristã, que se torna uma bússola para guiar a quem se encontra no deserto da vida na sociedade pós moderna. Sabemos que quando a pessoa se encontra em uma cidade ou num território habitado, com o auxílio de um mapa chega-se ao destino, mas quando se está num deserto, de nada resolve um mapa, há que se orientar por uma bússola.

Creio que, na trilogia das encíclicas do Papa Francisco, podemos afirmar que se colocarmos em prática os ensinamentos da *Evangelii Gaudium* salvaremos a vida em sociedade. Com os ensinamentos da *Laudato sí* salvaremos a vida do Planeta, a Criação divina. Na *Gaudete et Exsultate* encontramos pistas concretas que podem contribuir na salvação da pessoa humana.

Na forma de apresentar a vocação à santidade, o Papa Francisco escolheu entre a ascese e a mística, o caminho da mística. Ambas fazem parte do itinerário espiritual à santidade.

A ascese foi muito trabalhada pela vida religiosa consagrada, sobretudo, a contemplativa. É a busca das três vias espirituais: *a via*

purgativa, iluminativa e unitiva. Estas vias continuam plenamente válidas. O que a diferencia da vivência espiritual mística é a dificuldade de exercitá-la no cotidiano da vida, por um cristão, uma cristã comum. Embora sabemos que são estes que mais a vivem, mesmo sem o saber, são os “*cristãos anônimos*” referidos por Karl Rahner.

A *Gaudete et Exsultate* quer dar visibilidade à santidade do cotidiano, cujas palavras produzem calor e iluminam aos que se encontram na escuridão e buscam uma luz, enfrentando “*uma batalha constante*”, a batalha espiritual, como nos alerta o apóstolo Paulo que nossa luta não é contra a *carne e o sangue* (cf Ef 6, 12).

O Papa Francisco apresenta a realidade da santidade como uma caminhada, como algo experimentado, como uma aventura de mil passos e não como uma realização completa. “*Senhor, eu sou um pobre pecador, mas você pode trabalhar o milagre de me fazer um pouco melhor*”.

Ele nos convida a rezar, chamando-nos para uma santidade não de heroísmo monumental, mas de pequenos gestos e pequenos detalhes. É uma junção dos elementos inicianos aos temas franciscanos que perpassam todo o texto.

O apelo à santidade que o Papa Francisco repropõe é enraizado na *minoritas* Franciscana, tornando-se pequeno e abraçando o Deus que se tornou pequeno por nossa causa. Tal “*pequena santidade*” pode ser encontrada ao lado e cresce em pequenos gestos, como fermento no pão ou uma semente de mostarda no campo. É uma “*inovação*” radical, o “*fazer o novo*”, do ensino de Francisco, enraizado na mais genuína tradição mística que perpassa todas as religiões e vai além do cristianismo.



SANTIDADE NO MUNDO ATUAL

Magda Melo - Uberlândia - MG

Papa Francisco surpreende e encanta com tamanha sensibilidade e cuidado com cada pessoa. Ele, em sua terceira Exortação Apostólica, nos chama à santidade.

E nas primeiras linhas da *Gaudete et Exsultate* nos diz: “*O meu objetivo é humilde: fazer ressoar mais uma vez o chamado à santidade, procurando encarná-la no contexto atual, com os seus riscos, desafios e oportunidades*”.

O documento não é um tratado, mas faz ressoar o chamado a santidade, e clarifica como é o viver a santidade, e, a assegura a partir do que Jesus nos mostra através das bem-aventuranças. Destaca algumas virtudes como paciência, mansidão, alegria, luta interior e o sentido de humor.

O Papa toca o coração de cada pessoa e a convida a viver plena e profundamente a santidade, a partir de suas atitudes diárias, lembrando-lhe que a santidade é uma luta constante, mas, o seu olhar é de esperança, pois a bondade, a espiritualidade, a ternura e o crescimento do amor desafiam sobremaneira o mal.

O chamado à santidade perpassa toda a história do cristianismo e chega até aos nossos dias. Para quem vive sedento de paz, de alegria, de amor e de espiritualidade já está respondendo ao essencial da santidade.

Não podemos deixar passar despercebida essa graça! Francisco é filho do Concílio Ecumênico Vaticano II, portanto, a Igreja que o gerou para a vida religiosa foi a Igreja do Vaticano II, por isso pode falar da santidade acontecendo “ao pé da porta” (cf. n. 7).

A *Lumen Gentium* em seu capítulo IV fala da “vocação universal à santidade” e causa uma grande reviravolta, pois, retomou a ideia dos primeiros cristãos, que enxergavam a Igreja como povo em união na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo. O Vaticano II lembra que todos os batizados e batizadas têm dignidade, liberdade, formam a comunidade dos filhos e filhas de Deus e são templos do Espírito Santo (cf. LG 9).

Em nossos dias é muito bom retomar tudo isso e, principalmente, ouvir que a santidade não é privilégio de um grupo reservado. A santidade não é só de elite eclesial. Sendo uma prerrogativa exclusiva de Deus, ela é

acessível a todos (cf. LG 56). Deus nos comunica sua santidade e nos faz participantes da sua vida divina.

Pertencendo à família divina e entendendo-nos como frutos do amor ilimitado da Trindade, nascidos do amor de Deus, recebemos a missão de comunicar esse amor aos demais homens e mulheres pelo testemunho, e pelo próprio modo de viver, através do amor e da caridade. A santidade não é nada mais do que a “caridade plenamente vivida” (n. 21).

Francisco cita algumas atitudes simples, mas com presença da santidade: “gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam os seus filhos com tanto amor, nos homens e mulheres que trabalham para trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir. Nesta constância de continuar a caminhar, dia após dia, vejo a santidade da Igreja militante. Esta é muitas vezes a santidade “ao pé da porta”, daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus, ou – por outras palavras – da classe média da santidade” (n. 7).

Agradeço seu cuidado Papa Francisco em preocupar-se com o rebanho, seu povo, era preciso ampliar o olhar! Ela nos lembra e nos faz vislumbrar um caminho acessível da santidade. “Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra” (n. 14).

Santidade é ter coragem de seguir em frente, destemido, independente do que possa ocorrer, mas tendo paciência, mansidão e suportando os desafios e adversidades sem perder a alegria, a ternura e a mansidão, com espírito orante.

A Santidade exige de cada homem e mulher viver em plenitude, com entusiasmo e bondade, a serviço, mas também com muito realismo e, por isso, exige a luta e a vigilância constantes e o discernimento. À santidade se unem liberdade e responsabilidade que atuam diretamente nos destinos da história, fazendo acontecer a transformação do mundo e do convívio social.

E para não cairmos na tentação de cultivar uma falsa santidade, é indispensável compreendê-la melhor, a partir das indicações da Palavra de Deus e da experiência da Igreja, a comunidade dos santos e das santas de Deus (cf. ns. 96-109).

A estrada da santidade é feita de paz e alegria, porém passa pelo caminho estreito da salvação, por isso, devemos amar incondicionalmente, buscar a misericórdia constantemente, rezar devotamente e estar presente nos desafios de nossos irmãos, conscientes que somente com a graça de Deus lutaremos humanamente.



ACONTECIMENTOS MARCANTES NA VIDA MISSIONÁRIA

CONCLUSÕES DO 5º CONGRESSO MISSIONÁRIO AMERICANO (CAM 5)

Por Pe. Maurício Jardim - Santa Cruz de la Sierra - Bolívia 2018.

Desde o grande impulso missionário do Papa Francisco, a Igreja Católica na América celebrou o 5º Congresso Missionário Americano (CAM 5) em Santa Cruz de la Sierra (Bolívia 2018), de 10 a 14 de julho de 2018. Com o lema *América em missão- O Evangelho é alegria*, realizou-se esta assembleia extraordinária, na qual se espera fortalecer o sentido missionário de toda a Igreja Católica, encontrar caminhos de renovação e conversão missionárias na América. A Comissão Teológica do Congresso preparou o conteúdo ao longo de cinco anos, durante os quais, foram realizados dois Simpósios Internacionais, respectivamente em Porto Rico (2015) e no Uruguai (2016), bem como outros congressos missionários nacionais em cada país ou jurisdição eclesiástica por todo o continente americano. Como resultado dos Simpósios internacionais foram publicados dois livros sobre os eixos temáticos do Congresso: *Evangelho, alegria, comunhão e Reconciliação, missão e profetismo*.

A realização do CAM 5 foi, sem dúvida, um momento de graça para a Igreja na América, através do qual se pode avivar o espírito missionário de toda a comunidade católica, para que se faça presente em todas as realidades do mundo com a força transformadora e a alegria do Evangelho. Isto nos impulsiona a trabalhar, abrindo caminhos de comunhão e de reconciliação nos âmbitos sociais e políticos, inter-religiosos e eclesiais. Com sentido missionário, evangelizador e audácia profética, este Congresso vai fomentar, desde já, mudanças nas atividades e estruturas eclesiais, de modo que esta *Igreja em saída* responda fielmente a Deus em sua missão *Ad Gentes*, especialmente para com os pobres e os descartados, aos que não conhecem a Cristo, nem os valores que emanam do Evangelho da Alegria.

Seguindo a orientação marcada pelo Concílio Vaticano II, desde a *Gaudium et Spes*, do decreto *Ad Gentes* e a Conferência de Aparecida

do CELAM, a Igreja mostra-se essencialmente missionária quando se abre aos desafios do mundo contemporâneo para buscar as respostas adequadas a partir do Evangelho e da Palavra de Deus. Somos conscientes das mudanças, profundas e rápidas, que confundem as culturas e sociedades pós-modernas, que submetidas e deslumbradas pelas novas tecnologias, seguem sem resolver eficazmente os problemas arraigados do homem e do mundo. Entre estes desafios, a Igreja está preocupada especialmente com os principais fenômenos do nosso continente: a crise da família com todos os seus conseqüentes problemas, o desprezo, a violência contra a vida e a dignidade humana, a violação dos direitos humanos, o domínio econômico de uma minoria que gera desemprego e pobreza, o panorama de injustiça e falta de solidariedade que remontam o ser humano à época do secularismo, a necessidade de cuidar da mãe Terra, a situação preocupante da desigualdade e violência às quais as mulheres estão submetidas, as imigrações, a população indígena, os aspectos sombrios da Igreja, ferida, sobretudo, pelos escândalos da pedofilia, o declínio das vocações sacerdotais, a modernidade débil e relativista, assim como o negativismo e a imoralidade, inerente à própria modernidade.

Todos esses aspectos e as orientações correspondentes desde a fé cristã foram amplamente tratados nas fases prévias do Congresso, sobretudo, nos Simpósios Internacionais e Congressos missionários nacionais mencionados. A partir de todos esses trabalhos e publicações, a Conferência Episcopal da Bolívia e as Pontifícias Obras Missionárias elaboraram o *Instrumentum Laboris* do CAM 5 que serviu de base para o trabalho das comunidades cristãs católicas que vivem seu sentido missionário em toda a América. A pesquisa realizada recolheu as contribuições dos membros ativos das igrejas com uma amostra representativa de quase dez mil questionários, através da qual se desenvolveu uma metodologia de participação ativa e plural de toda a Igreja nos países da América.

Com base nesses dados prévios a este evento continental, o Congresso reuniu todos os delegados de cada país. Uma organização admiravelmente eclesial acolheu a todos os participantes hospedados nas famílias de todas as paróquias de Santa Cruz. O congresso foi presidido pelo bispo Dom Sergio Gualberti, arcebispo de Santa Cruz, e coordenado

por Dom Eugenio Scarpellini, diretor da POM Bolívia. Vivemos cinco dias intensos de atividades diversas que ocuparam a atenção de todos os participantes. Entre estes participaram o cardeal Fernando Filoni, enviado especial do Papa Francisco para o CAM 5, Toribio Ticona, cardeal boliviano, Mons. Giovanni Pietro Dal Toso, Presidente internacional das POM, Irmã Roberta Tremarelli, Secretária geral das Pontifícias Obras da Infância Missionária, as delegações americanas das Pontifícias Obras Missionárias, toda a Conferência Episcopal da Bolívia, um grande número de Bispos da América e de outros países, sacerdotes, religiosos e uma multidão de cristãos leigos e leigas. Os 3.177 missionários e missionárias inscritos foram acolhidos, voluntariamente, por 3.830 pessoas das paróquias de Santa Cruz, em uma enorme demonstração de entusiasmo, serviço, entrega e alegria. Pela manhã foram organizadas seis sessões, sendo uma sessão de abertura, e cinco conferências magnas sobre os temas do Congresso, enquanto no período da tarde organizaram-se doze oficinas, sendo quatro conversatórios e cinco subassembleias, onde se discutiam as questões levantadas pela manhã.

As conferências brilhantes, profundas e esclarecedoras tiveram a seguinte sequência: *A alegria emocionante do Evangelho*, por Dom Guido Charbonneau (Honduras), *Anunciar o Evangelho ao mundo hoje*, por Dom Santiago Silva (Chile), *Discípulos, testemunhas de comunhão e a reconciliação*, por Pe. Sergio Montes, SJ (Bolívia), *Missão Profética da Igreja hoje*, por Mons. Luís A. Castro (Colômbia), *Missão Ad gentes na América e da América*, por Mons. Vittorino Girardi (Costa Rica).

Apresentamos as principais conclusões, sobretudo, as propostas de linhas de ação para a renovação missionária da Igreja na América.

Propostas de conversão missionária para a Igreja na América

1. Educar na alegria do Ressuscitado e das Bem-aventuranças;
2. Sair às periferias do mundo para ir ao encontro dos “outros”;
3. Fomentar o conhecimento da Bíblia e dos Evangelhos;
4. Promover as Comunidades de vida missionária;
5. Promover a comunhão de bens na Igreja e com os pobres;
6. Promover a reconciliação em todos os âmbitos da vida;
7. Fomentar a consciência da missão profética e libertadora em todos os âmbitos sociais;

8. A Evangelização da família como chave cristã de transformação social e cultural;
9. Potenciar uma Igreja missionária ministerial e laical;
10. Promover e cuidar das vocações para a vida sacerdotal e religiosa;
11. Celebrar a fé e a religiosidade popular em chave missionária.

IRMÃZINHAS DE JESUS NO BRASIL

Correspondência de Irmãzinha Maria Dulcidéa de Jesus

Sementes que germinam!

“Se o grão de trigo não cai na terra e não more, fica sozinho. Mas, se more, produz muito fruto” (Jo 12,24).

Introdução

A Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus foi fundada em 8 de setembro de 1939, em Tougourt (sul da Argélia). No seguimento de Jesus de Nazaré, sob a inspiração do Irmão Carlos de Jesus (Charles de Foucauld), a jovem Madalena Hutin foi viver junto ao povo nômade desse lugar e aí armou sua tenda. Inicialmente destinada aos povos do Islã, abre-se, poucos anos depois, aos povos do mundo inteiro.

A intuição de Irmãzinha Madalena se traduz na vivência concreta do Evangelho, no respeito total pela alteridade. Essa herança haveria de se tornar luz e também semente de caminhos novos e imprevisíveis, nas mais diferentes situações humanas, pelos cinco continentes.

1. O grão de trigo caiu em terras brasileiras

No Brasil, a Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus começou em junho de 1952, aos 13 anos de sua fundação. As primeiras Irmãzinhas (Genoveva, Denise e Clara) chegaram acompanhadas de Irmãzinha Madalena. Chegaram no Rio de Janeiro. Depois de algumas semanas, dirigiram-se para o Mato Grosso, à aldeia dos Tapirapé, às margens do Rio Araguaia, onde aportaram em 24 de junho de 1952. Não sabiam falar português, muito menos a língua dos Tapirapé. A presença compassiva e solidária da Fraternidade junto aos Tapirapé permaneceu por mais de 60 anos.

Outras Fraternidades foram surgindo aos poucos: em Catumbi e no Morro da Mangueira, no Rio de Janeiro; em Roças Novas, Itaobim e Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais; em Fortaleza, Ipaguassimirim e Matriz de São Gonçalo, no Ceará; em Goiânia no estado de Goiás; em Jussiape, na Bahia; em Belém, Ananindeua e Aldeia Assurini, no Pará.

2. O grão de trigo continua germinando na fragilidade e no silêncio.

Dado o momento pelo qual vem passando a Vida Religiosa Consagrada, devido também ao envelhecimento de nosso grupo e à fragilidade da saúde das Irmãzinhas, pouco a pouco o número de Fraternidades foi se reduzindo. Das nove Fraternidades existentes no Brasil, estamos atualmente em apenas uma, em Belo Horizonte, no Bairro Betânia.

Isso nos fez perceber a urgência de tomar algumas decisões: fechamento e venda das casas e partida para o Lar de Idosos São José. As duas Irmãzinhas que ainda permanecemos na Fraternidade de Betânia esperamos concluir todos os trâmites, baixa de papeis e tudo o que diz respeito ao processo de encerramento.

Estamos mudando de paradigma. Esse fato exige atenção, paciência, confiança e muito amor. Faz-se necessário, nesse novo tempo, ressignificar o carisma e a missão. Nossas Constituições, no capítulo 14, n. 87, dizem: “Quando formos levadas a reduzir as atividades, estaremos mais disponíveis para a oração e a escuta”. Ressignificar nossa pertença neste momento em que estamos envelhecendo é “saber envelhecer com graça, em graça e na graça” (Ana Maria Mattos). É nessa atitude que queremos olhar nosso momento atual: processo de envelhecimento se acelerando com consequentes fragilidades de saúde e retorno das não-brasileiras a seus países de origem.

3. O grão de trigo morrerá e fará nascer novo rebento de vida.

Refletindo sobre nosso futuro, uma luz nos orienta e guia: a do grão de trigo. Foi essa passagem do Evangelho que inspirou e acompanhou o Irmão Carlos durante sua vida no deserto do Saara. É morrendo, mergulhando na terra, que a semente germina.

Fechando a Fraternidade de Betânia, a Fraternidade continuará presente através das Irmãzinhas que já estão morando numa casa de

cuidados destinada a idosos de baixa renda, no Lar São José, no Bairro Olhos d'Água, em Belo Horizonte. Lá, seremos em número de cinco. Há também duas outras Irmãzinhas morando sozinhas, próximo a suas famílias. Ambas são mineiras e suas famílias vivem em Belo Horizonte. Temos também duas Irmãzinhas em casas de saúde em Belo Horizonte, e as duas nordestinas vivendo no Ceará.

Nesta etapa de nossa vida, estar num Lar de Idosos/as pobres é dar continuidade à vivência de nosso carisma – contemplativas inseridas no meio do povo, vivendo à luz de Belém e Nazaré. Aí nossa inserção se fará naturalmente, sendo idosas com os idosos/as. Esse mistério nos fará perceber a presença de Deus na fragilidade, no cotidiano. Essa verdade nos permite viver com confiança, procurando dar cada uma sua medida. O futuro é de Deus!

Apostamos também nas sementes lançadas junto aos leigos e leigas que, nos diferentes lugares em que vivemos, compartilharam da vida de nossas Fraternidades. Também eles se fizeram receptivos ao carisma de Irmão Carlos e Irmãzinha Madalena. E, dentro de suas condições, seguirão “gritando o Evangelho com a vida”.

Conclusão

Gostaríamos de terminar citando o que nos disse o Papa Francisco, no final de nosso Capítulo Geral (2017): “Florescer em gestos de amor, fazer-se pequena entre pequenos, ser livres para amar”. Mesmo se, no Brasil, estamos nesse processo do “grão de trigo”, em outros países e continentes, há Fraternidades florescentes, há juventude em busca do mesmo ideal.

Correspondência de “Cema”. Lar São José, 04/04/2018.

“Javé cuida daqueles que esperam por seu Amor. Nele se alegra o nosso coração e nele confiamos. Seu amor continua sobre nós como nele está nossa esperança”. Sl. 33 (32) 18.21-22.

Queridas irmãzinhas!

Quero partilhar com vocês a vivência deste primeiro mês no Lar São José. A paz, a alegria e a gratidão me habitam. A gratidão pela vivência nas diversas fraternidades do Brasil e o tempo vivido no Peru.

Agradecida pela alegria e desafios da vida fraterna na nossa missão própria: vida contemplativa centrada na Eucaristia, vivida no coração do mundo dos empobrecidos: Belém, Nazaré, vida fraterna em comunidade, e em diversos lugares do país, com coração aberto ao universal. Nossa obra da Vida!

Permaneço unida à Coordenação: Edith e Dulcita que vivem a árdua tarefa deste tempo de Fraternidade no Brasil e os encaminhamentos diversos. Permaneço unida na intercessão à Dorinha e Conselho neste serviço amplo da Fraternidade.

E nesta fase de envelhecimento a mesma missão continua aqui no Lar: idosa entre idosos, reconhecendo em cada um/a deles/as a Presença do Senhor e em todos/as colaboradores da limpeza, da cozinha, da fisioterapia, da terapia ocupacional e outros/as que não vemos sempre, e todos incansáveis em nos facilitar uma condição de vida digna. A assistente social me fez uma entrevista e favoreceu a comunicação com a família pela internet. As pessoas são muito humanas aqui... em todos os níveis.

Retomar as Constituições nesta nova e atual etapa me ajuda a viver com gratidão e acolhida o recebido e o vivido nas Fraternidades. E a viver com gratidão este tempo “maior” de cada dia na oração, na intercessão, adoração com possibilidade da Capela ampla e simples com a presença da Eucaristia e Missa semanal. E me sinto convidada nesta etapa a permanecer diante Dele mais longamente.

E que Irmão Carlos e Irmãzinha Madalena possam permanecer guias e a nos ensinar a amar, também nesta etapa, numa imensa gratidão, no ocaso da Vida por tudo o vivido, e a vivenciar idosa entre idosos até o Encontro final.

A vida aqui se passa serena e alegre. Nós estamos no 3º andar em quarto pessoal com banheiro. Há rampas com corrimões e elevadores. O refeitório está no 2º andar depois da sala de televisão. É espaçoso com mesas para 4 pessoas e a alimentação é bem cuidada, saudável e saborosa, também para os lanches. O café da manhã é servido nos quartos, é o último trabalho do turno da noite.

Iniciei no Lar dia 28 de fevereiro acompanhada pela Dulcita e Edith. Agradeço também à cada irmãzinha presente na tarde do Envio: Auxiliadora, Cândida, Elisabeth, Edith e Dulcita. Fui precedida pela

Edejanira e Dinorá que me ajudaram introduzindo-me neste novo e “grande” espaço!

Sinto-me acompanhada por cada uma e as carrego na oração e no carinho.

Por ocasião da missa de Ramos preparada com Ivanilde (coordenadora do Lar), Edejanira e Dinorá aqui no Lar, as irmãzinhas vieram acompanhadas pelas vizinhas. A missa foi celebrada pelo Pe Frederico da paróquia da Betânia e Pe Reginaldo que muitas de vocês conhecem. Foi ocasião de profunda alegria para todos/as. Tivemos celebração na sexta-feira Santa e domingo. Na Pascoa fomos almoçar na Ivanilde a convite dela.

Há diversas atividades aqui que nos ajudam:

Fisioterapia com Jacqueline diariamente e Terapia ocupacional com Edmar ou Ana Cristina. Eles são muito bons e humanos que nos acolhem e nos mantêm em entrosamento, bem-estar e atividades segundo as nossas possibilidades.

Há presença de hóspedes de outras religiões e há respeito no ambiente e acolhida.

No entorno do Lar há espaço para caminhada. Edejanira tem colaborado para embelezar e alegrar com plantas e num espaço interno com um jardim bem diversificado e um periquito que habita aí: “Tizu”! E ela colabora bastante com Ana Cristina.

Acolhemos algumas visitas que nos deram muita alegria: Idaliana, de Óbidos que veio visitar as irmãzinhas e conhecer o Lar, pensando num projeto para idosos em Óbidos. Alegria mútua pelo reencontro! Pe Alberto com Cristiano e Flávia, Fernando e Aneliza, Maria Auxiliadora vieram nos encontrar em tardes diferentes e foi bom passar um momento juntos.

Na alegria da continuidade da vida, unida a cada uma, com carinho,

PS. Dinorá manda também um grande abraço para todas.

A TRANSNORDESTINA E OS GRITOS QUE NÃO SE CALAM

Pe. Henrique Geraldo Martinho Gereon.
Depoimento na Romaria da terra e das águas em Paulistana-PI.
14/15 de julho de 2018.

Faz mais de 100 anos que um sacerdote francês, conhecido como “Irmão Carlos de Foucauld”, viveu no deserto do norte da África, no meio da tribo dos Tuareg. Aquela região era colônia da França que ainda não tinha abolido a escravatura dos africanos com toda a sua crueldade. Escrevia o Irmão Carlos: *“Não devemos meter-nos no governo temporal, ninguém mais do que eu está convencido disso. Mas é preciso amar a justiça e detestar a iniquidade, e quando o governo temporal comete graves injustiças contra aqueles dos quais estamos encarregados, é preciso dizê-lo...”* – e citando os profetas do antigo testamento proclama: *“Não temos o direito de ser cães mudos, sentinelas adormecidas, pastores indiferentes”*. Hoje eu me pergunto, se não seria necessário levantar a voz, direta ou indiretamente, para tornar conhecida essa injustiça e esse roubo sancionado nas regiões do nosso Estado por onde passa a Transnordestina, e dizer ou mandar dizer: *“Eis o que está acontecendo – isso não é permitido.”*

A Igreja nos reúne aqui na Romaria da Terra e da Águas. Toda romaria é uma peregrinação a um local religioso como Canindé, Juazeiro do Padre Cícero, Bom Jesus da Lapa, Santa Fé do Padre Ibiapina. Todo romeiro leva uma carga de feridas e sofrimento, esperança de alívio e a certeza de um Deus Pai e Libertador. Peregrinamos pela terra ferida do nosso Piauí com os seus moradores feridos por um projeto fantasioso de uma ferrovia que nem sonho nunca era. A inviabilidade deste projeto era evidente e previsível. Em dez anos foram gastos 6,3 bilhões de reais, deixando uma obra, feita um museu com centenas de vagões parados há três anos sobre trilhos enferrujados, entre canteiros de obras abandonados e desativados. O descaso com o dinheiro público já gasto ou a ser gasto, ainda numa eventual conclusão, teria sido suficiente para construir 28.000 postos de saúde e 12.000 escolas.

Construir uma ferrovia de 1.753 quilômetros no Brasil do século 21 significa cortar violentamente uma região densamente habitada e definida na sua estrutura fundiária. Projetos desta dimensão exigem um

levantamento prévio de viabilidade, claramente técnico e isento das eternas conveniências políticas. Além disso exige-se um orçamento rigorosamente realista que não permite os repetidos “aditivos” que não são nada mais do que sinais claros de uma corrupção gigantesca. A prova desta corrupção à luz do dia são dezenas de milhares de dormentes, já produzidos, com a impressão “Odebrecht” nas duas pontas. Igualmente incontestável é o depoimento da população desta cidade, sede da nossa romaria, que viram chegar as carretas carregadas de cimento: de três, uma entrou no canteiro da Odebrecht, e duas para o comércio da cidade.

“*A corrupção é pior do que o pecado*” – diz o Papa Francisco. Igualmente pesado é o franco desrespeito das leis deste país. O artigo 5 da Constituição do Brasil determina para o caso da desapropriação por necessidade pública, que a indenização seja “*justa, prévia e em dinheiro*”. Nunca se obedeceu a esta regra. Ainda hoje, depois de longos anos, têm processos pendentes em diversas comarcas. A empresa Transnordestina, por sua vez, entrou com a força de uma milícia armada em propriedades de pequenos agricultores, começando o serviço com máquinas pesadas. Desde quando conseguimos organizar os Atingidos pela Transnordestina e contratar uma advogada competente para as suas lutas na justiça, a batalha jurídica começou a andar nos moldes legais. O DNIT como representante do governo nem aparece nas audiências marcadas, alegando não ter como abastecer o seu carro. Isso interrompe o andamento do projeto até um dia feliz, mas pelo menos não paralisa os donos da terra.

A Transnordestina passa pelos Estados do Piauí, Pernambuco e Ceará. No nosso Estado ela atinge 18 municípios, numa extensão de cerca de 380 km, de Eliseu Martins até Simões, passando pelas dioceses de Floriano, São Raimundo Nonato, Oeiras e Picos. No Piauí apenas 83,4 km foram concluídos (21,8%), nos municípios de Paulistana, Curral Novo e Simões. Os 296.6 km não concluídos somam um conjunto de obras deterioradas e saqueadas, abandonadas há três anos.

Dos 1.753 km do total de extensão apenas cerca de 600 km (32.2%) foram concluídos com trilhos colocados, depois de 10 anos de serviço. Restam 1.153 km sem ser concluídos ou nem começados. Nos trechos concluídos em Pernambuco e Ceará encontram-se mais de 300 vagões pesados, em parte carregados com brita e dormentes, além de

algumas locomotivas, estacionadas nos trilhos na região de Salgueiro. Se quiserem rodar, não chegam nem perto do destino, no sul do Piauí ou nos portos de Pernambuco e Ceará. Mas podem voltar de ré e novamente esperar parados.

Tanto no Ceará como em Pernambuco faltam cerca de 250 km sem nenhum serviço ainda. São os trechos mais complicados, não só pela paisagem de muitas elevações, mas principalmente pelas estruturas fundiárias definidas há muitas gerações que não permitem desapropriações sumárias. Pode se prever forte resistência e lutas judiciais intermináveis para definir uma forte intervenção urbana. O processo inevitável nem foi começado.

Esse trem-fantasma sem origem nem destino demonstra um rastro de abandono de uma obra suspensa que leva a lugar nenhum. A logística mais primitiva para uma obra deste porte justamente não tem lógica e demonstra um planejamento incompetente: é evidente que as obras teriam que ter começado pelos dois portos de destino e não pelo interior do sertão. De fato, estes trechos reduzidos no meio do tempo só serviram para inaugurações demagogicamente encenadas, com finalidades políticas e eleitorais, por conta de uma ferrovia sem condição operacional e sem prazo de conclusão, após mais de 10 anos de obras.

Como que não bastasse essa percepção de um projeto que leva a lugar nenhum, os analistas apontam para uma outra afirmação fantasiosa: a previsão da ferrovia transportar anualmente 30 milhões de toneladas de carga, entre minérios e grãos. Os peritos do ramo afirmam: “Se chegasse a 5 ou 6 milhões de toneladas anuais seria muito.” Falando claro e grosso: vai faltar carga para ser transportada. A Transnordestina tornar-se-ia economicamente inviável. Não se pode desprezar também o seguinte questionamento: existe ou não carga de retorno? – Como a sazonalidade da carga (grãos para transportar só tem na safra) garantiria o equilíbrio econômico da ferrovia? – Como se venceria a conhecida ineficiência dos portos do Nordeste, principalmente Pecém?

Para agravar este sonho que se tornou pesadelo: sabe-se que o projeto desta ferrovia está na mira do Tribunal de Contas da União:

Primeiro, questiona-se a legalidade do contrato de concessão para a empresa estatal CNS tocar e gerenciar o projeto.

Segundo, afirma o Ministério Público que não houve licitação para a concessão da Transnordestina Logística S.A (TLSA), que executa a obra. Desobedeceu-se ao artigo 175 da Constituição Federal.

Terceiro, foi observada a disparidade entre a execução física e financeira. No português claro, o serviço feito não corresponde ao que foi gasto, ou seja: foi desviado dinheiro sem executar o serviço.

O Tribunal de Contas afirma que “o Governo perdeu o controle”. Isso poderá anular a concessão. Trata-se claramente do que se chama “elefante branco”, quando altos recursos do governo são torrados sem sortir o efeito declarado, sumindo nas veredas da corrupção e nos ralos das propinas.

Aqui precisa lembrar, também, o papel do Governo do Estado do Piauí. Há muitos anos proclama-se euforicamente o grande potencial de minérios marcando datas para começar a história de um Piauí rico e evoluído. Fala-se de níquel e de ferro a serem transportados pela Transnordestina. Vamos olhar a empresa Vale. Ela publicou os fatos da sua pesquisa sobre a mina de níquel no município de Gervásio Oliveira. O gerente da Vale naquele município nos declarou pessoalmente que o teor de níquel puro por tonelada de material cavado tem que ser no mínimo de 1%. A pesquisa deu apenas 0,78%. A conclusão foi de que a mina no Piauí é a mais fraca do Brasil. A Vale fez as malas e foi embora. Da mina de ferro só se sabe que a poderosa empresa indiana interessada desistiu e foi embora. Todas essas empresas queriam transportar a sua produção pela Transnordestina. No entanto, todas elas estão duvidando que isso, um dia, seja possível.

Pode-se falar da Transnordestina como um projeto duvidoso no sentido técnico-operacional. Mas eu quero voltar para o que falei no início desta reflexão: nós estamos realizando uma romaria peregrinando a esta nossa terra ferida com os seus moradores feridos. Este evento é motivado pelo evangelho de Jesus e pela consciência da nossa identidade de sermos a comunidade dos seguidores de Jesus. Somos essa Igreja que, sempre de novo, se questiona, se converte e se submete aos apelos que os sinais dos tempos lhe sugerem.

Poderíamos perguntar: que Igreja queremos ser? O correto, porém, seria: que Igreja Jesus quer que sejamos? Jamais poderemos ser esta Igreja sem o compromisso com a verdade. “A verdade vos libertará”

– assim Jesus o promete. A verdade exige que “se ponha o dedo na ferida”, ou seja: que a Igreja cumpra o seu papel profético, “oportuna ou inoportunamente” (São Paulo a Tito). A verdade só liberta nestas condições. E não tem libertação para quem não percebe a opressão, e para quem tem “saudade das panelas de carne” e se deixa comprar pelos “calaboca” dos poderosos.

É urgente que cheguemos a descobrir: os gastos gigantescos de um projeto inviável desviaram estes recursos da prioridade de aplicá-los nas necessidades básicas dos pobres deste país. Os nossos pobres não só são mal atendidos, mas excluídos numa sociedade de desigualdades escandalosas. Os coronéis do sertão nordestino continuam vivos e atuantes como nos velhos tempos.

Por isso tudo, a nossa romaria tem que ser um grito por libertação, senão a verdade só entristece ou assusta, mas não liberta. A aventura ferroviária tem reflexos inevitáveis para os nossos pobres. Por exemplo: se a diminuição dos leitos hospitalares na saúde pública em 10 por cento é explicada pelos técnicos da saúde como falta de investimento e incapacidade administrativa, quando será que esta verdade chegará a libertação anunciada por Jesus? Jesus, talvez, vá nos cobrar: a Igreja que eu quero tem que reaprender o discurso da libertação, rejeitado e eliminado décadas atrás.

A advertência dos profetas do antigo testamento para os pastores do povo não serem “cães mudos e sentinelas adormecidos” deve nos tocar para proclamar: “Eis o que está acontecendo – isso não é permitido, porque é Jesus que se encontra nessa dolorosa situação e nos afirma: “...o que fizerdes a um destes pequeninos, a mim o fareis.”

FONTES:

1. INTERNET: Artigos – Reportagens – Comentários;
2. PESQUISA NO CAMPO: Todo trecho no Piauí foi percorrido de moto pelos funcionários da “Fraternidade”. Na base de fotografias de satélite e medições por GPS:

Foram feitos mapas do trecho inteiro de 380 km, especificando toda a sua extensão por 6 categorias:

- a) CONCLUÍDO
- b) TRILHO SEM BRITA

- c) TERRAPLANAGEM COMPLETA
- d) TERRAPLANAGEM INCOMPLETA
- e) APENAS DESMATAMENTO
- f) NADA FEITO

3. Numa viagem para Pesqueira, PE, foi acompanhado todo trecho executado até CUSTÓDIA (fim dos trilhos) e ARCOVERDE (última obra: um túnel de 1000 metros atravessando a BR no fim da cidade, totalmente isolado).

4. FOTOS – CONVERSAS COM POPULARES: contagem dos vagões estacionados. Seguindo pela BR 232, o trecho executado, quase paralelo à rodovia, muitas vezes visível com pouca distância.

Há três anos do maior crime sócio ambiental no mundo:
rompimento da barragem de rejeitos de minério em Fundão, Mariana -
MG

CONCLUSÕES DO 6º SEMINÁRIO SOBRE O MEIO AMBIENTE DA PROVÍNCIA ECLESIÁSTICA DE MARIANA

“A vida em primeiro lugar”

A Província Eclesiástica de Mariana que compreende a Arquidiocese de Mariana e as dioceses de Itabira-Coronel Fabriciano, Caratinga e Governador Valadares, realizou em Itabira-MG, nos dias 2 e 3 de novembro de 2018, mais um Seminário sobre a Bacia do Rio Doce, nossa Casa comum, com o tema: “Mineração no contexto do 3º ano do rompimento da barragem de Fundão – MG”.

Estiveram presentes, em grande número, lideranças diocesanas, agentes de pastoral, de movimentos populares e da Caritas, ambientalistas e sindicalistas que discutiram, em rodas de conversa e mesas temáticas, sobre a conjuntura nacional; sobre a defesa do meio ambiente; sobre os três anos do rompimento da barragem do Fundão e sobre as lutas empreendidas em vista da regeneração da Bacia do Rio Doce e seus afluentes.

Ao final do encontro, assumimos e reassumimos os seguintes compromissos que dão continuidade às nossas lutas em toda a extensão da Bacia do Rio Doce:

1- Tornar conhecidas as iniciativas que estão, verdadeiramente, na linha da defesa dos atingidos e atingidas e da regeneração desta Bacia.

2- Aprofundar sobre as perdas dos atingidos e atingidas, vencendo qualquer visão simplista, manifestando apoio e compromisso de somar às suas lutas e resistências.

3- Denunciar os desmandos da Fundação Renova, no seu desserviço aos atingidos e atingidas, sobretudo em face ao protagonismo dos atingidos e à defesa dos seus direitos.

4- Denunciar os interesses escusos, presentes nos acordos entre as empresas e os governos, em prejuízo dos atingidos e atingidas. Alguns, com a conveniência da justiça.

5- Fortalecer as lutas, assumindo a pauta de reivindicação dos atingidos e atingidas, sobretudo nesse momento de definições quanto ao reassentamento das famílias e discussão a respeito de reparações, indenizações e compensações.

6- Investir no Fórum Permanente da Bacia do Rio Doce, buscando maior articulação das forças vivas em prol da regeneração da Bacia do Rio Doce.

7- Exigir maior participação, junto aos municípios, no direcionamento transparente dos recursos disponibilizados advindos dos acordos e multas judiciais, diante do rompimento da Barragem do Fundão, em Bento Rodrigues, para que sejam assegurados em favor de ações desenvolvimentistas, sobretudo em prol dos atingidos e atingidas.

8- Preencher os espaços garantidos por leis que facultam a participação corresponsável da sociedade na defesa do meio ambiente, como em relação aos comitês de Bacia e aos conselhos, nas várias instâncias, que tratam de questões ambientais.

9- Criar um observatório popular de monitoramento das ações e investimentos públicos e privados na Bacia do Rio Doce.

10- Fomentar o envolvimento de universidades e instituições de pesquisa em debates e iniciativas a respeito da crise hídrica em toda a extensão da Bacia do Rio Doce.

11- Promover a recuperação de nascentes no campo e nas cidades atingidas, direta e indiretamente, pela lama da Samarco, da Vale e da BHP Billinton.

12- Lutar pela instalação de unidades de tratamento de esgoto nas cidades e nas zonas rurais, em toda extensão da Bacia do Rio Doce.

13- Fazer um levantamento dos problemas causados pela construção de hidrelétricas e bacias de rejeitos, em toda a extensão da Bacia do Rio Doce, apresentando relatórios para autoridades, organizações sociais e para população, antes de qualquer licenciamento.

14- Mobilizar e orientar a população para atuar junto aos deputados para não permitir retrocessos na legislação de salvaguarda do meio ambiente.

15- Acompanhar a constituição e funcionamento das assessorias técnicas, em toda extensão da Bacia do Rio Doce, em vista do apoio efetivo a ser dado aos atingidos e atingidas.

16- Valorizar os “saberes” das diversas expressões de cultura popular, de religiosidade, de uso de plantas e de defesa do meio ambiente, presentes em toda a extensão da Bacia do Rio Doce.

17- Fomentar o associativismo e o cooperativismo, fortalecendo a economia solidária e a agroecologia.

18- Fortalecer as comissões de meio ambiente da Província Eclesiástica, nos diversos níveis: paróquias, regiões pastorais e dioceses. E O Fórum Permanente em Defesa da Bacia do Rio Doce

Este Seminário também reafirmou a REALIZAÇÃO DA 4ª ROMARIA DAS ÁGUAS E DA TERRA DA BACIA DO RIO DOCE para a cidade de Itabira, na diocese de Itabira-Coronel Fabriciano, no dia 02 de junho de 2019 e, em preparação deste evento, foi confirmada a realização de três seminários prévios, agendados para a cidade de João Monlevade, em fevereiro; para a cidade de Itabira e Ipatinga em março.

Igualmente, foram definidas as reuniões com lideranças locais e da Província Eclesiástica em preparação a esta Romaria, agendadas para a cidade de Itabira nos dias 13 de fevereiro; 13 de março; 10 de abril e 08 de maio e as missões que antecedem a Romaria, agendada para os dias 27 a 31 de maio de 2019.

Confiantes nas bênçãos de Deus, renovamos nosso compromisso de nos colocar a serviço da vida e da esperança, a partir dos pobres, necessitados e atingidos, em toda a extensão da Bacia do Rio Doce, agindo com solidariedade, esperança e resistência, para que todos tenham vida e vida em abundância (Jo 10,10).

Itabira-MG, 04 de novembro de 2018. Participantes do Seminário da Bacia do Rio Doce

AS PRIMÍCIAS DO MEU MINISTÉRIO EPISCOPAL

Dom Sílvio Guterres Dutra – Bispo da Diocese de Vacaria - RS

“Por causa do Evangelho de Jesus Cristo”

Movido pela imensa gratidão que tenho para com a Fraternidade Jesus Caritas aceitei a provocação do nosso irmão Pe. Didi, que me pediu para compartilhar algo sobre o momento que estou vivendo. Não tenho o dom da escrita, mas aceitei o desafio por entender que preciso avançar também nisso.

O termo “primícias” que aparece no título acima foi sugestão do próprio Pe. Didi, e me fez pensar muito. Logo me perguntei: que primícias teria eu a compartilhar sendo bispo há apenas um mês e poucos dias? Não entendo ter realizado nada que seja digno de publicação. O que tenho feito é me dispor a ouvir muito, observar muito e decidir pouco.

A terra que piso agora (a Diocese de Vacaria) é chão sagrado onde foram jogadas sementes preciosas por muitos missionários capuchinhos, verdadeiros e incansáveis semeadores, que deram a vida pelo povo daqui. Eles fundaram muitas comunidades, que depois se tornaram pequenos povoados e hoje são municípios bem estruturados. O patrimônio pastoral, cultural e material que eles edificaram é enorme.

Os campos de cima da serra, como é chamada esta região, estão impregnados pela palavra e gestos proféticos de um grande pastor, Dom Orlando Octacílio Dotti, que aos 88 anos de idade continua amando esta gente (e sendo amado por ela) e dando a vida pela diocese. Homem de uma formação extraordinária, que optou em viver sua emeritude numa casa simples, de um bairro de periferia, enquanto continua exercendo seu pastoreio num outro bairro da periferia da cidade, sendo ali verdadeiro sacerdote, profeta e pastor.

Para mim, portanto, as primícias que posso compartilhar não são realizações que eu poderia ter desenvolvido, mas acima de tudo os pensamentos e sentimentos que têm povoado minha mente e meu coração de bispo. Algumas interrogações me assaltam frequentemente: por que vim parar aqui? Como devo proceder? Qual caminho percorrer?

Quando defini meu lema episcopal “Por causa do Evangelho de Jesus Cristo”, depois de tê-lo submetido à apreciação dos irmãos da nossa

Fraternidade de Porto Alegre e de outros amigos, tive a nítida sensação de que eu havia me metido numa encrenca, numa “santa encrenca”. Lembrei muito da exortação insistente do Irmão Carlos sobre a necessidade de “voltarmos ao Evangelho”. Certa feita o Irmão Carlos disse que era necessário “ler e reler sem cessar o Evangelho, para ter sempre diante dos olhos os atos, as palavras, os pensamentos de Jesus, a fim de pensar, falar e agir como Jesus”. Assim, estes primeiros dias têm sido de muitas e saudáveis inquietações. Estou tendo paciência comigo mesmo, mas sei que preciso discernir que tipo de bispo preciso ser, que lugar os pobres ocuparão no meu ministério, como buscar o último lugar sendo bispo e tendo que lutar constantemente contra a tentação do prestígio e dos privilégios?

Enfim, definitivamente, estou numa encrenca, num processo decisivo de conversão, de desinstalação e de busca do essencial. O que me conforta é saber que não caminho sozinho, que conto com irmãos intercessores no céu (entre eles o Irmão Carlos) e outros tantos irmãos e companheiros na terra, entre os quais os da Fraternidade ocupam lugar central. Sei que todos estes me ajudarão a ser fiel até o fim.

Conto com todos vocês, seja com exortações de encorajamento, como com as necessárias correções fraternas. Saibam todos que sou muito grato a Deus por um dia ter encontrado a Fraternidade Jesus Caritas e por ter sido acolhido por ela. Dentro de algumas horas, após terminar de escrever esta mensagem, estarei descendo (pois estou no alto gelado dos campos de cima da serra) para a chácara onde acontecerá nosso encontro mensal da Fraternidade, próximo de Porto Alegre. Será nosso primeiro encontro sem a presença física de nosso querido Pe. Antônio Moreschi que teve sua páscoa no último dia 09 de agosto. Que ele agora interceda por nós e por toda a Fraternidade que ele amou tanto!

Deus abençoe a todos!



Palavras do Padre Camilo Pauletti

Com outros irmãos, participou da ordenação episcopal

Dom Silvio Guterres Dutra é um homem de Deus, recebe a missão de cuidar e pastorear uma porção do rebanho do Senhor.

Em sua ordenação Episcopal sentimos o carinho do povo onde ele cresceu e conviveu, o amor de sua família. As pessoas das paróquias onde ele atuou como presbítero, manifestaram sua alegria e confiança. Os padres da Diocese de Vacaria o acolhem com grande esperança.

O próprio Silvio manifesta ser um irmão que está disposto a servir onde o Senhor lhe confiou. Mostra seu afeto às pessoas que foram na sua ordenação. Passa no meio de todos os ambientes, abençoa, recebe os cumprimentos de todos. Faz-se um com todos, com humildade e simplicidade.

Temos a convicção e a certeza de que fará um bom trabalho, o Irmão Carlos está presente em sua vida. O Senhor o abençoe e o ilumine.

Palavras do Clero de Vacaria, na missa de início missão de Dom Silvio

Colaborador, Pe. Ivanir Antonio Rampon

Meus irmãos e irmãs.

Nesta Santa Missa, acabamos de ouvir alguns textos admiráveis, escolhidos por Dom Silvio, para marcar o início de sua missão como Bispo de Vacaria. Os textos trazem mensagens especiais para esta Igreja Particular de Vacaria, bem como para todos nós que muito estimamos Dom Silvio.

Dom Silvio, neste dia em que o senhor assume a missão de Bispo de Vacaria, com muita humildade, ousamos lhe dar alguns conselhos. Aliás, não são apenas nossos, mas nos vêm da Palavra de Deus, do Magistério da Igreja e do nosso querido e amado Papa Francisco. Os conselhos podem ser resumidos em três palavras: seja profeta, cuidador e servidor.

1) A exemplo de Jeremias, seja profeta. E o profeta tem dupla paixão: por Javé e pelos pobres! Continue alimentando o seu amor a Deus através da oração, da leitura orante da Bíblia, das vigílias e da Santa Missa. Continue sendo um defensor das causas do povo! Não é porque és bispo que deves deixar de lutar. Muito pelo contrário; agora é tempo de intensificar porque és ainda mais um modelo: nós, o povo de Deus, precisamos de bispos que sejam modelo e inspiração para buscarmos aquilo que o Papa Francisco disse no encontro com os Movimentos Populares: “Terra para todos, Pão para Todos, Dignidade que o trabalho dá para todos”. Dom Silvio, estejas mergulhado em Deus e estejas do lado dos pobres, denunciando as injustiças, anunciando um mundo fraterno e testemunhando a fé no Deus da Vida! Não estarás sozinho! Muitos estaremos contigo. E Javé-Deus estará contigo para te proteger!

2) Segunda palavra – cuidador: cuide do rebanho de Deus que está aqui nesta Igreja particular de Vacaria. Cuide dos padres para que possam ajudar as comunidades a viverem o Evangelho e celebrarem os Sacramentos. Cuide dos seminaristas para que, desde já, vivam e busquem serem servidores do povo. Cuide da vida religiosa para que esta continue espalhando a paz e o bem nas cidades e nos campos de cima da serra. Cuide do laicato, das pastorais, dos serviços e dos movimentos eclesiais desta Igreja para que vivam em sintonia com as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. Cuide e zele para que haja mais vocações de apóstolos leigos e leigas, de sacerdotes, de religiosos e religiosas, pois estas são necessárias para o bem da Igreja e de toda a humanidade. Cuide de todo o povo que lhe está sendo confiado: ame as crianças, estimule as juventudes no seguimento a Jesus Cristo, ajude as famílias a viverem os laços do amor e da fidelidade, seja amigo dos idosos e solícito com os enfermos. Mas também, cuide de si. Lembre-se daquele ensinamento helderiano, que várias vezes refletimos no nosso grupo de Espiritualidade e Estudos Re-Vivendo Dom Helder Camara: Dom Helder fazia muitas atividades durante o dia, e ao entardecer estava quebrado. Quebrado de tanto se dar. Esquartejado de tanto fazer o bem às pessoas. Ficava um pedaço aqui e outro ali. Sem perder a serenidade e a paz, tentava recompor a unidade antes de dormir ou durante a vigília e a Santa Missa. Buscava sempre reencontrar a Trindade e, especialmente a unidade com Jesus Cristo. Buscava recompor-se para doações ainda maiores. Dom Silvio cuide de si, mergulhe na Trindade Santa, une-se misticamente a Cristo para doar-se com largueza e generosidade maiores.

3) A última palavra: servidor. Recordo neste momento de seu pronunciamento, durante a Ordenação Episcopal, em Charqueadas. O senhor disse, brincando, que ao ler certas coisas que o Papa Francisco escreveu no documento sobre a Santidade, achavas que o Papa estava ficando louco. E que no dia 30 de abril, quando recebeste a notícia de que serias bispo não tinha mais dúvida: o papa está louco mesmo. Sim, o Papa Francisco é louco! Ele possui aquilo que São Paulo dizia: a loucura da cruz! Dom Silvio, no seu pronunciamento, o senhor também dizia que para a sua nomeação houve uma grande combinação entre o Papa Francisco, Nossa Senhora e Deus... Que complot maravilhoso! Cada membro deste complot é uma fonte de espiritualidade para o senhor: o Papa Francisco é exemplo de servidor. Inspira-se no Papa Francisco para servir, resgatar vidas humanas e resgatar a vida da nossa casa comum. Inspira-se em Nossa Senhora, aqui venerada como Nossa Senhora da Oliveira. Os antepassados contaram que a Imagem de Nossa Senhora da Oliveira não quis sair daqui; levada embora, ela voltou e quis ficar no meio do seu povo. Foi ereta então, uma capela e, depois, esta Catedral, que agora é também a sua sede. Que responsabilidade ser o bispo de um povo em que nossa Senhora da Oliveira quis estar no meio! Inspira-se em Charles de Foucauld, o Servo de Deus por quem tens admiração especial: ele também quis ficar no meio do povo como Jesus Cristo! Inspire-se em Dom Helder Câmara: ele foi um dom de Deus para a Igreja, para o Brasil, para o mundo. E principalmente, inspire-se em Jesus Cristo: Ele soube acolher os anseios do Pai Celeste no meio do povo e trabalhou em equipe em prol do Reinado de Deus. No mais, Deus estará contigo e te protegerá! Confie Nele. Ele é fiel!

Caros Dom Irineu e Dom Orlando, Bispos Eméritos de Vacaria, estimado clero desta Igreja, comunidades desta Diocese: hoje vocês estão recebendo um bispo que possui uma profunda espiritualidade, que cultiva a sua mística, que é profeta, que tem zelo pastoral e que, por causa do Evangelho de Jesus Cristo, veio para servir. Acolham Dom Sílvio com alegria! Amem, ajudem, colaborem e rezem pelo novo Pastor. E contentes, agradeçam a Deus por vos ter dado este maravilhoso presente, este estimado dom que é Dom Sílvio Guterrez Dutra.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

GRITEMOS O EVANGELHO COM A VIDA!

Pe. Jeová Elias Ferreira - Bogotá – Colômbia

Queridos irmãos e queridas irmãs que bebem da espiritualidade de Foucauld, Gritemos o Evangelho com a vida!

Depois de 25 anos de ministério presbiteral, das quais 23 como pároco da Paróquia N. Sra. do Rosário de Fátima na Arquidiocese de Brasília, senti que deveria fazer uma pausa para uma experiência temporária diferente e decidi, juntamente com o meu bispo, sair para estudos na cidade de Bogotá, capital da Colômbia. De fato, esta decisão foi fruto de um longo discernimento, que contou com as luzes das partilhas e revisões de vida feitas em alguns retiros da Fraternidade. Decisão difícil, considerando as raízes que se aprofundaram durante um longo período na mesma Paróquia. Foi muito sofrida a despedida do Brasil e os primeiros dias no meio de pessoas desconhecidas que, aos poucos, foram se tornando amigas e irmãs.

Cheguei a Bogotá em janeiro de 2017, quando iniciei os estudos de Licenciatura Canônica em Teologia Pastoral no Cebitepal (Centro Bíblico Teológico Pastoral para a América Latina e Caribe - <http://www.celam.org/cebitepal/index.php> pertencente ao Celam, com previsão de retornar em dezembro deste ano. No ano passado tive aulas diariamente e neste ano dedico-me à pesquisa para produzir a tese que tem como tema “A missão evangelizadora a serviço da vida humana em plenitude à luz das viagens apostólicas do papa Francisco aos países da América Latina e Caribe”, que deverá ser concluída em outubro e defendida em novembro.

A cidade de Bogotá é uma metrópole contendo cerca de 8 milhões de habitantes, com 480 anos de existência, uma temperatura média de 16 graus que oscila entre 6 e 19 e uma altitude de 2640 metros, com chuvas ao longo de todo o ano, mesmo que em intensidade menor durante alguns meses. A temperatura favorece as gripes constantes. Um trânsito caótico. O povo é muito acolhedor, possui uma religiosidade popular forte e pertence à grande pátria.

Vivo numa casa dos padres sulpicianos, que recebe estudantes, e onde moram também alguns padres idosos. Atualmente residimos 7 estudantes de 4 países distintos.

A experiência vivida ao longo desses meses foi enriquecedora no aspecto cultural, espiritual e humano. As aulas que tive no ano passado eram com um professor por semana lecionando a mesma matéria, geralmente vindo de algum país da América Latina: Brasil, México, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia Também contava com colegas de turma representando cerca de 7 países e alunos de cursos pontuais de outros países. Uma riqueza cultural! Pessoalmente sinto que precisava deste tempo, que está me fazendo muito bem. Vivo como estudante, sem compromissos pastorais e agendas lotadas e também aprendendo a desapegar-me e a viver com mais sobriedade e abertura às surpresas de Deus. Neste sentido, com um futuro imprevisível quando chegar a Brasília.

Não tenho trabalho pastoral fixo, mas colaboro eventualmente com alguma missa quando solicitado e com atendimento de confissões quase todos os sábados nos retiros do movimento Emaús, que é muito forte aqui em Bogotá. De marcante ficam duas experiências missionárias que fiz durante a semana santa, do ano passado e deste ano, em algumas comunidades rurais. A experiência eclesial é marcada pelo sacramental-devocional. Muitas celebrações de missas aos domingos e sempre com uma grande presença de fieis.

Quanto aos meios da fraternidade, alimento-me diariamente da oração do abandono, repetindo como um mantra: “*pongo mi vida en tus manos*”, com desejo firme de não inquietar-me com o futuro, da adoração eucarística e faço a experiência do deserto com irregularidade. Há um colega argentino da Fraternidade, mas não conseguimos harmonizar as nossas agendas.

Sinto saudade de vocês, especialmente dos nossos retiros anuais, que desejo retomar ao regressar. Encomendo-me às suas orações e disponho-me a rezar por vocês.

Recebam meu abraço terno e saudoso no amado Senhor.



PARTILHA DOS ENCONTROS NAS REGIÕES

Encontro das Fraternidades da Região Leste

25 a 27 de junho em Arrozal - Pirai- RJ.

Encontro das Fraternidades da Região Nordeste

04 a 07 de junho em Crateús – CE.

Encontro das Fraternidades da Região Sul

29 a 31 de julho em Torres – RS.

Encontro das Fraternidades da Região Sudeste

31 julho a 02 de Agosto em Agudos – SP.

Queridos irmãos, estamos aqui para partilhar a experiência do encontro da região de São Paulo. Ele foi recebido no Seminário Santo Antônio, em Agudos/SP, dos dias 31 de Julho a 02 de Agosto. O primeiro dia foi um momento de nos encontrarmos e revermos os irmãos, após a missa, às 18h, saímos para uma simples confraternização em uma pequena lanchonete da cidade. Foi um momento de contos, anedotas e descontração. Muitas risadas e autoconhecimento entre os membros do grupo.

E o encontro de espiritualidade contou com a participação de 13 membros, sendo que 5 eram da Diocese de Campinas/SP, 1 de São José do Rio Preto/SP e 7 de Marília/SP. Com um cronograma estabelecido antecipadamente, a parte da manhã contou com missa, leitura em conjunto do texto preparado pelo Carlos, responsável nacional da Fraternidade, acerca da Revisão de Vida, e adoração eucarística encerrando as manhãs. Aconteceu revisão de vida em fraternidades, formadas dentro do próprio encontro. Momento de grande riqueza para todos os participantes. Deste modo, o encontro adquiriu ares de um mini-retiro espiritual.

Na segunda noite do encontro falamos sobre a atual realidade política do Brasil e acerca das dificuldades que temos encontrado para

defender o direito dos pobres e marginalizados, ponta da sociedade que mais sofre com as atuais medidas tomadas pelo governo. Entre as sugestões e análises realizadas, chegamos à conclusão de que é preciso retomar as bases comunitárias, repropoando aos nossos irmãos e irmãs a participação mais ativa em associações de moradores, secretarias municipais e outros mecanismos populares de atuação política.

No último dia, fizemos uma assembleia, onde foi escolhido o representante estadual, sendo que não caberá apenas a uma pessoa a articulação das atividades no estado. Como representante, ficou escolhido o Willians, da Diocese de Marília/SP e, para compor a equipe, o Crozera, de Campinas/SP, além de procurarmos mais alguém em São Paulo, para complementar. Num clima fraterno e já nos preparando para o ano seguinte, o encontro se encerrou após uma participação frutuosa, ativa e alegre entre os presentes. Abraços fraternos a todos e que o bom Deus nos ajude em nossa missão, para defendermos como o Ir. Carlos, nesses tempos difíceis, o direito dos povos mais vulneráveis do Brasil.

(Informações: Pe Willians Roque de Brito - Diocese de Marília)

Encontro das Fraternidades da Região Norte 02 a 5 de julho em Belém – PA.

Nosso encontro aconteceu de 2 a 5 de julho deste ano em Belém - PA.

De São Luís foi eu, padre Paulo Sérgio, mais 4 seminaristas: Leonardo, 3º ano de filosofia; Felipe, 3º ano de filosofia; Raimisson, 2º ano de filosofia e Brayan, 1º ano de teologia. De Belém estavam os padres Carlinhos, Jaime Pereira; José Luís, Silvio, Ademir e o diácono Carlos.

Nossa fraternidade de São Luís, hoje, está mais entre eu e os seminaristas. Por isso não foram os dois padres Iraílson e André. Nosso encontro foi muito bom. A começar pela nossa viagem, pois, fomos de carro, perfazendo mais de 800 km; só eu dirigindo. Saímos de São Luís às 2h da manhã e, chegamos, em Belém, às 16h30.

Em Belém ficamos na casa do Padre José Luís, no bairro satélite. À noite jantamos juntos e, no dia seguinte, pela manhã, rezamos juntos; depois do café fizemos uma revisão de vida, bem reflexiva com bons testemunhos. Almoçamos e, depois do repouso, fizemos outro momento de partilha. Mais tarde fomos visitar o seminário Pio X. Ao término da

visita, saímos para a celebração, numa comunidade da paróquia do padre Silvio.

No dia seguinte fomos ao banho, num bosque perto da casa onde estávamos hospedados e, à tarde, seguimos para o centro de Belém. Visitamos a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, o museu de Nazaré, o mangal das garças e, finalmente, fomos visitar um padre casado para tomar um açaí. Esse padre já fez parte da fraternidade, no início no Brasil. Fomos acolhidos num clima muito agradável. Visitas terminadas, voltamos pra casa e fomos conversar um pouco mais.

No dia seguinte voltamos para São Luís às 2h20 da madrugada e, chegamos em casa, às 16h30.

Foi um encontro agradável e muito proveitoso!

(Informações: Pe. Paulo Sérgio Mendonça Cutrim - Paço Lumiar – MA)



Presbíteros diocesanos missionários inspirados pelo testemunho do beato Carlos de Foucauld.

As realidades sociais e eclesiais de nossos continentes mudaram profundamente desde a última assembleia em Possy em 2012.

O Papa Francisco nos convida a um novo impulso para a Evangelização em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Para nos ajudar na preparação da próxima assembleia mundial, pedimos a cada fraternidade que faça, com o auxílio deste questionário, uma revisão de vida que reflita sobre nosso ser presbíteros diocesanos na vida e na missão.

PARTE 1: HUMANA: Política, Econômica, Social e Cultural (outras religiões, migrantes).

Como nos afeta nossas realidades (situação) política, econômica, social e cultural?

É inegável os avanços sociais produzidos no Brasil nos governos do PT, que gerou melhor qualidade de vida e mais dignidade ao povo brasileiro. No entanto, também houve erros. Paradoxal é que, desde as eleições de 2014, o país vive uma situação incerta e caótica que afeta a todos indistintamente. O quadro é de uma regressão conjuntural, numa aliança espúria entre os poderes executivo, legislativo e judiciário, que culminou no golpe de 2016, e a consequente perda de muitos direitos para o povo.

Em nome de uma pseudo-moralização, grupos de extrema direita (inclusive dentro da Igreja católica e evangélica), aliados à grande mídia, notadamente a Rede Globo e aos detentores do capital econômico, tem fomentado continuamente a corrupção e a manipulação de consciências pela desinformação (*fakenews*). A “Operação Lava Jato” colocou isto em evidência, mas também mostrou que quem queria “moralizar” o país são os mesmos corruptos que, na verdade, não estavam interessados em “moralização”, e sim em manter seus privilégios, ameaçados por anos consecutivos do governo do PT. E para tal se aliaram ao capital internacional. O resultado disso tudo, é que uma onda fascista tomou

conta do país, vivemos uma situação caótica, sem ver claramente quais rumos tomar.

Há uma frustração na população geral e, conseqüentemente, uma descrença total com os políticos e com a política. Aumentou o número de pessoas com depressão e suicídio em todas as regiões do país, até mesmo entre o clero.

PARTE 2: ECLESIAL: Diocese/presbitério, paróquia e comunidade.

Como nossa diocese, paróquias e comunidades têm sido inspiradas e iluminadas pela *Evangelii Gaudium* para sermos Igreja em saída às periferias? Quais são os obstáculos deste projeto missionário?

Sim, a *Evangelii Gaudium* nos ilumina, mas falta colocar em prática as ações de uma Igreja em saída, conforme nos propõe o Papa Francisco.

A Igreja no Brasil vive um retorno ao conservadorismo, não diferente do que vemos pelo mundo afora.

A CNBB tenta animar a ação pastoral da Igreja no Brasil com o espírito do profetismo. Há uma insistência em propagar o pensamento e a ação de uma Igreja em Saída, proposta pelo Papa Francisco, no entanto, nem sempre esta proposta é muito bem vista pelo clero e pelo povo. Muitas dioceses seguem a CNBB, mas há outras que não, em nome de um discurso medieval, no qual cada bispo é único.

O modelo eclesial presente em muitas regiões do Brasil atual é muito diversificado. Um bom número de padres vive em busca de privilégios, mordomias, liturgia pomposa, bem estar pessoal, e se esquecem da doutrina social da Igreja e da opção preferencial pelos pobres. Aliás, esta opção é, muitas vezes, demonizada como “marxismo” e “teologia da libertação”. Por isso, podemos afirmar, com certeza, que falta adesão, estímulo e renovação do compromisso com os pobres e excluídos da sociedade. Prevalece muito mais os padres midiáticos e os shows missas de curas e libertação.

PARTE 3: FRATERNIDADES: No contexto da espiritualidade de Nazaré, proximidade com o povo, como vivenciamos os meios propostos pela fraternidade: adoração, dia mensal de deserto, revisão de vida, retiro, opção pelos pobres, mês de Nazaré?

De um lado, as diversas fraternidades espalhadas pelo Brasil se reúnem mensalmente. Geralmente os irmãos escolhem um dia do mês e procuram ser fiéis na participação. Somente uma das fraternidades se reúne bimestralmente.

Nestes encontros, que variam muito em tempo e programação, de acordo com a realidade da região: uma manhã, um dia, uma noite e um dia, dois dias, os irmãos seguem os meios de espiritualidade propostos pela Fraternidade Sacerdotal Jesus Caritas.

Normalmente se encontram e iniciam com uma conversa sobre os fatos acontecidos. Tomam café, ou jantam juntos. A seguir todos os grupos seguem um roteiro mais ou menos semelhante, dividindo o tempo em: **oração conjunta** (Ofício Divino ou Liturgia das Horas), **formação** (geralmente seguem textos sobre a espiritualidade do Ir. Carlos, mas também outros ligados à espiritualidade sacerdotal), todos os grupos reservam um bom tempo para **o deserto**, a **Revisão de Vida** e **Adoração Eucarística**. Em algumas fraternidades, os irmãos celebram a missa juntos, outros rezam o terço, e muitas fazem algum tipo de confraternização; também podem visitar um Santuário ou outro lugar pelo menos uma vez ao ano, para viverem mais profundamente um dia de espiritualidade.

As fraternidades do Nordeste e as do Sub Regional de Botucatu - São Paulo, também se reúnem uma vez ao ano, sempre no dia 1º de dezembro, para celebrar o aniversário de morte do Irmão Carlos.

Toda esta vitalidade anima e fortalece os irmãos em sua caminhada pessoal e os encoraja, sempre mais, a gritar o evangelho com a vida numa vivência fraterna e missionária, seja no presbitério, no meio do povo que lhe foi confiado e em todos os lugares onde for enviado.

Número de padres na Fraternidade Sacerdotal Jesus Caritas¹

O Brasil tem 172,1 milhões de católicos batizados (26,4% do total dos católicos de todo o continente americano)².

¹ Estes dados estatísticos foram elaborados a partir de pesquisa feita com os responsáveis de todas as fraternidades do Brasil, em agosto/setembro de 2018.

² Cfr. Anuário Pontifício 2017 e Anuário Estatístico Eclesial do Brasil 2015.

Em 2018 existem 27 mil padres no Brasil, um para cada 7.802 habitantes.³

A Fraternidade Sacerdotal Jesus Caritas possui 30 grupos em todo o território do Brasil, com a média de 5 a 8 padres em cada fraternidade local. Ao todo, somam-se **201 padres que participam nos diversos grupos de fraternidades**, espalhados em todo o Brasil. É um número muito pequeno, se compararmos com o número de padres no Brasil. Destes, 153 (cento e cinquenta e três) participam ativamente das nossas fraternidades locais, sendo que 46 (quarenta e seis) fizeram o Mês de Nazaré, 98 (noventa e oito) já participaram dos retiros anuais ao menos uma vez, 45 membros são simpatizantes, pois participam regularmente nos grupos de nossas fraternidades locais, mas nunca participaram do Retiro Anual nem do Mês de Nazaré. Existem 3 (três) padres vivem isolados, por causa da distância com os outros irmãos, que é muito longa, mas participam ativamente da fraternidade. Eles se encontram esporadicamente e nos retiros anuais e já fizeram o Mês de Nazaré.

FRATERNIDADE SACERDOTAL JESUS CARITAS+ BRASIL	Membros da Fraternidade de Local	Simpatizantes	Retiro Anual	Membros da Fraternidade ainda não fez Retiro Anual	Mês Nazaré	Membr os Isolados	TOTAL
Nordeste	30	2	21	3	12	1	33
Centro Oeste	14	5	17		14		19
Sul	16	10	12	4	4		26
Leste	38	9	18				47
Sudeste	42	13	17	28	6		55
Norte	13	6	13		10	2	21
TOTAL	153	45	98	35	46	3	201

³ Ceris (Centro de Estatísticas religiosas e investigações sociais), organismo da CNBB.

Apesar da estatística brasileira oferecer estes dados, sabemos que é bem maior o número de padres que simpatizam com a espiritualidade do irmão Carlos. Pois, quando somamos o número dos que fizeram o retiro anual nos últimos cinco anos, ao menos uma vez, mas não estão ligados a nenhuma fraternidade local, o número passaria de 500 (quinhentos) participantes.

Há vínculos com pessoas da família espiritual de Charles de Foucauld?

Sim, mantemos vínculos com as irmãzinhas de Jesus em Belo Horizonte, que estão na casa de repouso, com o Sodalício, Margareth no Nordeste que orienta mais alguns simpatizantes, com o irmãozinho de Jesus, João Cara, com a Fraternidade Leiga do Brasil.

Além destes, os irmãos da fraternidade acompanham uma Fraternidade Leiga com 8 (oito) mulheres, em Tarumã, SP; uma fraternidade com 6 (seis) leigos em Alagoinhas, BA; uma fraternidade com 7 (sete) leigos em Santos Dumont, MG; uma fraternidade com 8 (oito) leigos em Campo Grande e um retiro anual de seminaristas na Diocese de Cachoeira do Espírito Santo, ES. Todos estes grupos estão ligados, de uma certa maneira, Fraternidade Sacerdotal Jesus Caritas.

Relacionamo-nos e apoiamos outras fraternidades?

Sim, mantemos um ótimo relacionamento com os irmãos das Fraternidades do Prado; um bom relacionamento com a Comunidade da Divina Ternura, coordenada pelo Padre João Rocha, inclusive, alguns deles participam do nosso retiro anual e temos um vínculo muito próximo com a Fraternidade Missionaria Itinerante do Piauí.



NOTAS DE FALECIMENTO:

PADRE MANOELITO

Prezados irmãos da Fraternidade Sacerdotal Jesus Caritas, nós da fraternidade Sacerdotal de Alagoinhas comunicamos, aos demais irmãos, o falecimento de Pe. Manoelito, ocorrido no dia 21 de maio de 2018.

Ele participava da nossa fraternidade desde 1992 e, com 75 anos apresentou algumas complicações na próstata. Passou por vários procedimentos médico-hospitalares, mas com a gravidade galopante da doença, veio a óbito.

Grande homem de Deus! Seu grito, diante da sociedade injusta, principalmente, quando se referia aos pequenos e pobres ainda se faz ouvir como eco profético de amor ao evangelho e serviço ao Reino. Tinha como cântico preferido "Maria de Deus Maria da gente". Gostava, muito, de dizer: "Só tenho enxada e título de eleitor para votar em seu fulano educado... que depois só nos passa melado...". Muito próximo da realidade do povo; companheiro de caminhada bem humorado, principalmente, quando estava entre amigos e pessoas conhecidas; capaz de rimar as situações cotidianas transformando-as, quase sempre, em comédia.

Fonte: Padre Jailson, coordenador da fraternidade de Alagoinhas, por email.

PADRE GERALDO LIMA

Pe Geraldo Lima faleceu dia 07/07/2018. Ele foi um exemplo, ao longo dos seus 80 anos, em manter vivo o espírito profético no anúncio de vida solidária e na denúncia de um mundo às avessas. Exerceu um bom combate, no dizer do Apóstolo Paulo, neste mundo invertido - em que o desprezo à honestidade é alimentado, o trabalho é castigado e suas conquistas são subtraídas, a falta de escrúpulos é recompensada, o canibalismo individual, social e estrutural é esgarçado. Sem falar, igualmente, de todo tipo de religião e de espiritualidade ausente de profetismo e do seguimento do Senhor Crucificado e Ressuscitado, que se aliena, se acomoda e se amedronta frente a este estado de coisas.

Não por acaso que Pe. Geraldo Lima percorreu o caminho profético de vários/as companheiros/as de jornada, provenientes de múltiplos "moinhos de esperança e de lutas. São eles os Movimentos

interreligiosos e ecumênicos, Associação de Presbíteros Diocesana e Nacional (sócio fundador), Fraternidade dos Padres Charles de Foucauld, Movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra, PT, CPT, Movimento de Mulheres, Movimento dos Negros, Economia Solidária, Bioenergética, Rádios Comunitárias, e outros na Baixada Fluminense e do Estado do Rio de Janeiro.

Pe Geraldo nos seus 80 anos manteve um vigor juvenil e uma coerente teimosia profética de não ter mudado de lado, na luta solidária com o povo na conquista de um novo amanhã.

Sabemos, no entanto, que esta longeva e coerente atitude do Geraldo, nem sempre foi entendível e acolhida. Ele provocava risos, não raro impaciência, pela sua frequente insistência ao levantar suas bandeiras de lutas nas reuniões.

Este testemunho, de graça profética em sua vida, proveniente do Senhor, em meio à fragilidade humana, faz do Pe. Geraldo Lima um exemplo de "Mestre e de Profeta", ao mesmo tempo um Dom Quixote do século XXI, em nosso meio. Ele nos ensina, pelo seu testemunho humilde, teimoso e vigoroso a urgência do sonhar e do rumar resolutamente em busca dos sonhos de Vida Nova.

Precisamos, desta forma, da soma dos/das sonhadores/as e dos/as loucos/as comprometidos/as, a semelhança de Dom Quixote! Loucos, sim! Que consigam ir além das aparências, das conveniências, vantajosas e/ou fáceis.

Precisamos dos que buscam, dos que se nutrem de utopias e dos que se vestem de coerência audaz! Dos loucos perseverantes que seduzam as mentes e despertem os corações para o desejo de mais Vida. Esta é a grande metáfora a ser perseguida, a razão, a fé e a gentil loucura utópica de todos os que se comprometem com a Vida, como foi o exemplo de Pe. Geraldo Lima.

Obrigado companheiro por sua presença profética entre nós. Até breve, na grande Páscoa Definitiva com o Senhor!

Fonte: <http://www.ihu.unisinos.br/580673-um-profeta-entre-nos-faz-a-sua-passagem-para-o-senhor-pe-geraldolima>. Informações e comentários do Padre Jorge Paim que, atua na Diocese de Nova Iguaçu – RJ.

PADRE ANTÔNIO MORESCHI

É com pesar que a Arquidiocese de Porto Velho comunica o falecimento do primeiro reitor do Seminário Maior São João XXIII, Côn. Fioravante Antônio Moreschi. Pe. Moreschi, como era conhecido, faleceu na manhã de quinta-feira, dia 9 de agosto, em Gravataí – RS. Membro do clero de Porto Alegre, nascido no dia 20 de dezembro de 1929 em Caxias do Sul, de um povoado de imigrantes italianos denominado Galópolis, filho de Josefina Fabbris e de Fioravante Moreschi, foi ordenado presbítero em Roma no dia 8 de dezembro de 1954.

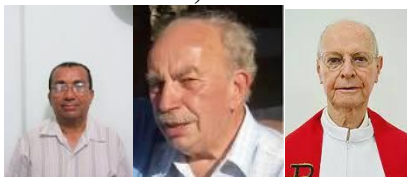
Durante sua vida de presbítero, além do trabalho paroquial, atuou na formação presbiteral como professor, reitor e diretor espiritual. Destacamos os anos de 1985 a 1988, em que aceitou o convite de ser o primeiro reitor do recém criado Seminário João XXIII, tempo em que se dedicou também ao estudo pessoal da Filosofia, refazendo sua filosofia do tempo de seminário, como ele gostava de afirmar. Era um entusiasta do pensamento aristotélico, conforme testemunho daqueles que foram seus alunos.

Conforme comunicado oficial da Arquidiocese de Porto Alegre, o velório ocorre na Capela Central do Seminário São José em Gravataí, com Missa de corpo presente no mesmo local às 9h, seguindo cortejo para a Gruta Nossa Senhora de Lourdes, no cemitério dos padres em Porto Alegre.

Vivendo a esperança, na espera do Reino definitivo, rogamos ao Senhor pelo seu repouso eterno e nos solidarizamos com sua família, com a Igreja de Porto Alegre e com todos que tiveram a graça de com ele conviver.

Porto Velho, 10 de agosto de 2018, na Festa de São Lourenço, diácono e mártir.

**Dom Roque Paloschi, Arcebispo Metropolitano e
Pe. Marcelo Moschini Daudt, chanceler**



DATAS IMPORTANTES

Reunião do Conselho da Fraternidade

Conselho: 27 a 30 de Agosto de 2018.

Local: São Paulo - Casa do Cônego Celso Pedro.
Paróquia Santa Rita – Bairro Pari – SP.

Retiro Nacional

Data: Dia 3 a 10 de janeiro de 2019.

Local: Hidrolândia – GO.

Pregador: D. Edson Damian.

Mês de Nazaré

Data: Dia 11 a 30 de janeiro de 2019.

Local: Goiás – GO.

Contribuição: para o mês de Nazaré: um salário mínimo vigente

Valor do retiro Nacional será a parte:

Assembleia Internacional

Data: Dia 15 a 30 de janeiro de 2019.

Local: Cebu – Filipinas.

Participantes: Carlos, Didi e Maurício.

Próxima Assembleia Pan Americana

Data: 20 a 24 de setembro de 2021.

Local: Argentina.

Participantes: a escolher oportunamente.



I, ASSISTI E INDICO...

INDICAÇÃO DE LIVROS

CNBB, Campanha da Fraternidade 2019 – Fraternidade e políticas públicas – Texto-Base, Edições CNBB, Brasília – DF

BIERLAIRE, Thierry, O sacerdócio na sagrada escritura, Editora a partilha, 2016, Uberlândia – MG

SANTOS, Jésus Benedito, Presbítero pastor, sol nascente, discípulo missionário do Senhor em tempo de mudança, 2018, Editora a patilha, Uberlândia – MG

MARINS, José, Pequenos passos – largo caminho, 2018, Claretian Publications, Macao, China

INDICAÇÃO DE SITES

<http://www.ihu.unisinos.br>

<http://www.cartacapital.com>

agencia.ecclesia.pt

portalcatico.org.br

[blog:www.hermanitasdejesus.org/brasil/brasilnuestrahistoria.htm](http://blog.www.hermanitasdejesus.org/brasil/brasilnuestrahistoria.htm)

[blog: https://oeremitacarlosdefoucauld.blogspot.com.br](http://blog:https://oeremitacarlosdefoucauld.blogspot.com.br)

<https://sites.google.com/jesuscariascarlosdefoucauld>

INDICAÇÃO DE FILMES

Pode me chamar de Francisco – Netflix

Cinebiografia do Papa Francisco. O filme conta a história de Jorge Mario Bergoglio antes de se tornar o Papa Francisco. Explora momentos-chave na vida de Bergoglio, desde seu auxílio a moradores de comunidades carentes a sua luta contra a pobreza, a prostituição e o tráfico de drogas.



FAMÍLIA ESPIRITUAL DO IRMÃO CARLOS DE FOUCAULD NO BRASIL

1. Fraternidade Sacerdotal Jesus Caritas

Responsável: Pe. Carlos Roberto dos Santos

Rua Paiaguas, 700 - Centro

17600-250 – Tupã – SP

Tel.: (14) 3496 2363 e (14) 99698 4661 (vivo)

pecarlosroberto@gmail.com

2. Fraternidade Leiga Charles de Foucauld

Responsáveis: Edvaldo Evangelista dos Santos e

Anilda Maria Gonçalves dos Santos

SMPW = 28 conj. 2 lt. 3 casa 05 Park Way

71745-802 - Distrito Federal

Fone: (61) 33388635; (61) 81536700 Oi e (61) 81696516 Oi

e-mail: anildamaria@gmail.com

3. Fraternidade Missionária Carlos de Foucauld

Responsável: Antônio Silva (Toninho)

Caixa Postal 184

01031-970 - São Paulo – SP

Fone: (11) 2161 5747; (11) 954568555 Tim e (11) 988859534

Claro

e-mail: amhorizonte@hotmail.com

4. Irmãzinhas de Jesus

Responsável: Irmãzinha Iracema de Jesus

Rua 3, N° 338 - Vila Bispo de Maura

33.938- 450 - Ribeirão das Neves– MG

Fone (31) 3443-4729

e-mail: iracemayamada@yahoo.com

5. Irmãozinhos da Divina Ternura

Responsáveis: IRMÃOZINHOS João, José e Gabriel

Caixa Postal, 341

85100-970 Guarapuava – PR

Fone: (42) 36242153

e-mail: divinaternura@almix.com.br

6. Irmãozinhos da Visitação de Foucauld

Responsável: Irmão Marcelo de Oliveira

Rua Barreira do Norte, 56 – Alto Santana - Cx. P. 05

76600-000 - Goiás – GO

Fone: (62) 3371 1336; (62) 3371 1570 e (62) 99671009 Vivo.

e-mail: marcelocorima@yahoo.com.br

7. Instituto Secular

Responsável: Maria Concilda Marques

Rua Nogueira Acioli, 1050

Apartamento, 703 – Centro

60110-140 Fortaleza – CE

Fone: (85) 3226-4074 Fixo e (85) 996109546 Tim

e-mail: marcelocorima@yahoo.com.br

8. Sodalício Carlos de Foucauld

Responsável: Margareth Malfiet

Casa Paroquial

62220-000 Poranga – CE

e-mail: gretaporanga@yahoo.com.br